



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

MAGDA KAROLYNA DA ROSA VALGOI

***WELCOME TO AMERICA: FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS SOBRE
IMIGRANTES***

**CHAPECÓ
2019**

MAGDA KAROLYNA DA ROSA VALGOI

***WELCOME TO AMERICA: FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS SOBRE
IMIGRANTES***

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, sob a orientação da Prof^ª. Dra. Angela Derlise Stübe.

CHAPECÓ
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Av. Fernando Machado, 108 E
Centro, Chapecó, SC - Brasil
Caixa Postal 181
CEP 89802-112

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Valgoi, Magda Karolyna da Rosa Welcome to America:
Formações Imaginárias sobre imigrantes / Magda Karolyna da
Rosa Valgoi. -- 2019. 93 f.:il.

Orientador: Doutor Angela Derlise Stübe.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos-PPGEL,
Chapecó, SC , 2019.

1. Análise de Discurso. 2. Mídia. 3. Formação
Imaginária. 4. Imigrante. I. Stübe, Angela Derlise, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela
UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MAGDA KAROLYNA DA ROSA VALGOI

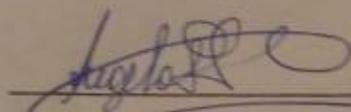
WELCOME TO AMERICA: FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS SOBRE IMIGRANTES.

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

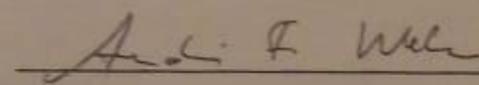
Orientadora: Profª Dra. Angela Derlise Stübe

Esta dissertação foi defendida e aprovada pela banca em: 23 / 10 / 2019

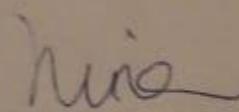
BANCA EXAMINADORA



Profª Dra. Angela Derlise Stübe – UFFS
Orientadora



Profª Dra. Andrea Franciele Weber – UFSM
Membro titular externo



Profª Dra. Mary Neiva Surdi da Luz – UFFS
Membro titular interno

Profª. Dra. Tamiris Machado – UFFS
Membro suplente

VERSO

Ficha catalográfica

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

<https://ficha.uffs.edu.br/> ou

Biblioteca de seu campus encaminhando o arquivo completo de sua dissertação.

Dedico este trabalho a todos os migrantes/imigrantes, aqueles que, mesmo sem saber como serão acolhidos, migram, reexistem.

AGRADECIMENTOS

DEUS, gratidão por guiar cada passo do meu caminho... Eu não lhe fiz pedidos específicos, apenas pedi que me guiasse sempre, e o Senhor que conhece os meus anseios me guiou até aqui... sou grata por tudo, especialmente por essa jornada tão intensa, tão transformadora...

MÃE, obrigada por me ensinar a ser quem sou, por estar ao meu lado em TODOS os momentos, por ouvir as minhas preocupações, por acompanhar as minhas transformações... A sua fé e a sua força sempre me mantiveram segura na minha caminhada... Obrigada por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditava... Agradeço todos os dias pelo privilégio de tê-la como Mãe... O meu grande orgulho é ser sua filha!

PAI, nessa longa caminhada, tive alegrias e também tristezas, mas independente de como estava o tempo, ensolarado ou nublado, sempre pude contar com você... Você que me protege com todas as forças, que fica triste quando eu estou triste e alegra-se com meu sorriso. Obrigada por estar sempre ao meu lado; saber que posso contar com você em qualquer situação me dá coragem para seguir em frente!

Amonn e Jhordano, ser a irmã mais velha de vocês é um privilégio, o entusiasmo de vocês pela vida me inspira e me traz luz em meio a dias nublados. E nessa jornada de irmã mais velha, eu que achei que tinha tanto a ensinar, aprendi mais do ensinei. Com vocês conheci um sentimento único, um amor incondicional. Lembro-me de vê-los pela primeira vez tão pequeninos, e ter sentido um amor tão grande, e esse amor só cresceu à medida que nós fomos crescendo. O nosso laço não é só de sangue, é de um amor inexplicável e imensurável.

Fábio Aurélio (in memória) sou grata por saber que tenho Você me protegendo, obrigada por acalmar meu coração e atender a minha oração, meu querido irmão.

Meu amado esposo, obrigada por sempre me incentivar, por entender minhas ausências, por se preocupar com cada partida, e se alegrar com as chegadas... Nem todas as pessoas são capazes de abraçar o sonho dos outros e, por isso, sou imensamente grata por tê-lo em minha vida. Obrigada por abraçar o meu sonho e não medir esforços para me ajudar a concretizá-lo.

A minha amada família, tios, tias, primos e primas, queridos avós, sogro e sogra, e aos meus amigos, agradeço por todas as palavras de incentivo, por entenderem as minhas ausências... Obrigada por sempre torcerem pelo meu sucesso e preocuparem-se comigo.

Agradeço especialmente a minha querida Tia Serli, por me acolher em sua casa, esperando-me sempre com sua comida deliciosa, um chá quentinho e uma boa conversa. Obrigada por ouvir os meus anseios, e sempre me incentivar a seguir em frente.

Meus pequeninos afilhados, João e Arthur, os melhores presentes que a vida me deu, obrigada por alegrarem-me nos momentos mais difíceis com seus doces sorrisos e intenso entusiasmo... Suas travessuras trouxeram leveza aos meus dias!

Agradeço especialmente à Profa. Dra. Angela Derlise Stübe por orientar este trabalho, pela confiança em mim depositada, por acreditar nesta pesquisa me dando todo o suporte para realizá-la. A serenidade na sua forma de conduzir cada momento me deu forças para continuar!

Agradeço a todos os professores do PPGEL da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Chapecó, seus ensinamentos forneceram os recursos para que eu pudesse evoluir profissional e pessoalmente.

Agradeço a todos os amigos que fiz durante o Mestrado, ; juntos fomos o suporte uns dos outros; cada palavra, cada ajuda, tornaram o caminho menos árduo.

Agradeço aos professores que estiveram na minha banca de qualificação, professor Eric Duarte Ferreira e professora Andrea Weber, pela leitura cuidadosa e pelos preciosos apontamentos, que engrandeceram o meu trabalho.

Às professoras, Andrea Weber e Mary Neiva Surdi da Luz, pela disponibilidade em participar da banca de defesa, e pela dedicação na leitura da pesquisa, obrigada.

À Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de estudos para a realização do Mestrado.

À Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) pelo financiamento do projeto de pesquisa, tornando possível a produção desta dissertação, e por viabilizar a participação em eventos científicos que tanto contribuíram para esta pesquisa.

A todos que porventura não tenha citado, mas que me acompanharam nesta jornada, obrigada!

“Enquanto escrevo estas palavras, outra tragédia – nascida da indiferença insensível e da cegueira moral – está à espreita, pronta para o ataque. [...] Crianças afogadas, muros apressadamente erguidos, cercas de arame farpado, campos de concentração superlotados [...] Infelizmente, o destino dos choques é transformar-se na rotina tediosa da normalidade – e dos pânicos é desgastar-se e desaparecer das vistas e das consciências, envoltos no véu do esquecimento”.

(BAUMAN, 2017, p.8)

RESUMO

Esta pesquisa visa a compreender formações imaginárias acerca do sujeito imigrante (re) produzidas no discurso jornalístico. A análise foi feita a partir da capa e reportagem da revista americana *Time*, publicada no dia 02 de julho de 2018, volume 192, número 1, que traz a reportagem da capa, intitulada: “A Reckoning After Trump’s Border Separation Policy: What Kind of Country Are We?”. A construção metodológica orientou-se pela descrição das circunstâncias da publicação da revista, que levam em conta as Condições de Produção Amplas e Estritas acerca do aumento do fluxo migratório ocorrido nos últimos dois anos nos EUA; pelo impacto da publicação de uma textualidade sobre o imigrante em um gênero jornalístico e pelas formações imaginárias sobre os imigrantes que esse corpus (re)produz. Nosso pressuposto era o de que a formação imaginária (re)produzida neste *corpus* é a de que o imigrante ilegal representa uma ameaça ao país. Em termos teóricos, adotamos a perspectiva discursiva de orientação francesa, entendendo que a heterogeneidade da língua e o jogo imaginário constituem o discurso e (re)produzem efeitos de sentido. Recortamos do corpus sequências discursivas nas quais se formulam sentidos e sustentam as relações de força das posições que sustentam as formações imaginárias (FI) sobre o imigrante. Entendemos que as formações imaginárias sobre imigrante se constituem pelos reconstruídos acerca da posição sujeito cidadão, elas interpelam esse sujeito a ser agente das circunstâncias de seu morar. Nas análises, compreendemos que imagem das posições sujeito (re) produzem consequências políticas, sociais e econômicas.

Palavras-chave: Mídia; Formação Imaginária; Imigrante; Análise do Discurso.

ABSTRACT

This research aims to comprehend imaginary formations about bloke immigrant (re)produced journalistic discourse. The analysis has been made from of the cover and the reportage of the American magazine Time, it has been issued in July, second of 2018, bulkiness 192, number 1, that bring the reportage of the cover, entitled: A Reckoning After Trump's Border Separation Policy: What Kind of Country Are We? The methodological approach has been oriented by the description of the circumstances of the magazine's issue, that taking into account the broad and narrow's Condition of production about the increased immigration's flow occurred at the last two years in U.S.A; from the impact of the issue in a context with respect to immigrant in a journalist's genre and from imaginary formations about the immigrants that this corpus (re)produce. Our assumption was that the imaginary formation (re)produced in this corpus is that the illegal immigrant represent a threat to the country. In academic terms, we embrace the discourse perspective of the French guidance, we understand that the language heterogeneity and the imaginary game form the speech and (re)produce meanings outcome. We cut out of the corpus discursive sequences in which they formulate the meanings and underpin the relationship of the power of the position that underpin the imaginary formations (FI) about the immigrant. We understand that the imaginary formations about the immigrant is composed by the rebuild regarding to the bloke citizen's position, they challenging this bloke to be agent of the circumstances of their original country. In our analysis, we comprehend that the bloke's image (re)produce political, social and economics consequence.

Keywords: Media; imaginary formation; immigrants; Discourse Analysis.

LISTA DE ABREVIATURAS

AD – Análise de Discurso
AIE – Aparelhos Ideológicos de Estado
CP – Condições de Produção
EUA – Estados Unidos da América
FD – Formação Discursiva
FI – Formação Imaginária
GD – Gêneros Discursivos
SD – Sequência Discursiva 1 (2,3...)
UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul

LISTA DE SIGLAS

ACNUR (em língua portuguesa) UNHCR (em língua inglesa) - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

ONU – Organização das Nações Unidas

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 17 |
| 2 O DESLOCAMENTO – IMIGRAÇÕES ATUAIS..... | 24 |
| 3 MOVIMENTOS DE SENTIDOS NO ESPAÇO DISCURSIVO..... | 37 |
| 3.1. GÊNEROS DO DISCURSO..... | 38 |
| 3.2 A PRÁTICAS DISCURSIVAS NA MÍDIA..... | 40 |
| 3.3 NO DESLIZAR DO SENTIDO..... | 49 |
| 4 OS EFEITOS DO JÁ DITO NAS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS E DISCURSIVAS..... | 55 |
| 4.1 FUNCIONAMENTOS E EFEITOS DA LINGUAGEM VERBAL E NÃO VERBAL..... | 56 |
| 4.2 EFEITO DAS POSIÇÕES SUJEITO NO DISCURSO..... | 64 |
| 4.3 RESSONÂNCIA DISCURSIVA - ECOS SEMÂNTICOS..... | 75 |
| 5.0 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES..... | 78 |
| 6.0 REFERÊNCIAS..... | 83 |
| ANEXO A – CAPA DA REVISTA TIME..... | 86 |
| ANEXO B – REPORTAGEM SOBRE A CAPA..... | 87 |
| ANEXO C – MEMORANDO..... | 92 |
| ANEXO D – FOTO ORIGINAL..... | 93 |

1 INTRODUÇÃO

Partindo de perguntas inquietantes e questionamentos subjetivos, entendi que o que move a sociedade, a academia, a ciência, a pesquisa, são as perguntas. São elas que dão origem às pesquisas, às descobertas, a resultados e não resultados. Assim, passei a perceber que ter muitas perguntas é bom, é necessário, é fundamental.

Eis que, durante esse processo de pensar esta pesquisa, deparo-me com a Análise do Discurso de vertente francesa, representada pelos estudos de Pêcheux e seus precursores. Teoria esta que não era minha desconhecida, já que tive contato durante minha graduação em Letras, e na preparação para o ingresso no Mestrado em Estudos Linguísticos. Mas, foi durante a disciplina *Discurso, Memória e Subjetividade*, ministrada pela Profa. Dra. Angela Derlise Stübe, que mais tarde viria a ser minha orientadora, que passei a entender o funcionamento dessa teoria.

Dentre tantas inquietações, uma sempre foi mais latente em meu pensamento: olhar para o imigrante da perspectiva de uma residente de um país que tem sua história e seu presente marcados por diferentes grupos étnicos.

Durante esse percurso, percebi¹ que era possível discutir acerca de um tema que me inquietava e estava presente no dia a dia dos cidadãos, sob uma vertente teórica que me desse subsídios para pensar acerca do papel da mídia na construção das formações imaginárias sobre o imigrante, e esse subsídio vem da Análise do Discurso de vertente francesa.

Sabemos que os movimentos migratórios remontam a séculos; em algumas épocas, eles foram mais intensos do que em outras e ocorreram por diversos fatores. As crises enfrentadas no mundo pós-moderno suscitaram um intenso movimento migratório nos últimos anos. Assim como todos os outros discursos produzem formações imaginárias sobre o imigrante, os discursos sobre essa nova onda de imigração que está acontecendo no século XXI e que vem sendo noticiada através das mídias impressas, televisivas e digitais diariamente, também produzem formações imaginárias (FI) sobre o imigrante,

¹A partir desse parágrafo, a escrita dar-se-á na terceira pessoa do plural pois, compreendemos que a pesquisa foi realizada através de um trabalho em conjunto entre orientadora e orientanda.

bem como diversos efeitos de sentido. Diante desses discursos sobre essas imigrações, compreendemos, assim como Rizental, que:

Os discursos sobre os deslocamentos vêm sendo produzidos de forma que, além de dar a saber o acontecimento do refúgio, mediatizam a dor do outro, na medida em que mostram com voracidade o sofrimento dos estrangeiros em situação de fuga. As histórias dos imigrantes são apresentadas por jornais locais, internacionais, documentários e entrevistas que falam sobre os vários motivos para o rápido crescimento do êxodo forçado nos tempos atuais. (RIZENTAL, 2017, p.21)

Coadunamos com a análise feita por Rizental (2017) a respeito da forma como os movimentos migratórios do nosso século vêm sendo mediatizados, por isso, nosso gesto interpretativo analisou o funcionamento desses discursos na (re)produção de formações imaginárias, pois, compreendemos que é necessário um olhar para como esse acontecimento vem sendo noticiado ao interlocutor.

Para debruçar o nosso olhar enquanto pesquisadores acerca de formações imaginárias sobre o imigrante presente na mídia, a capa e reportagem da revista americana *Time* (Anexo A)², do mês de julho de 2018, mostraram-se representativas dos discursos sobre os sujeitos imigrantes, por apresentarem expressiva circulação no mundo através das mídias impressas, digitais e telejornais, e tornar-se símbolo da política de tolerância zero implementada pelo presidente dos EUA aos imigrantes ilegais. Além disso, a foto jornalística da criança chorando que compõe a montagem da capa ficou conhecida como representante da crise migratória nos EUA, e ganhou a 62ª. edição do prêmio *World Press Photo*. “O júri da 62ª. edição do prêmio considerou a imagem como Foto de imprensa mundial do ano e destacou o fato de representar “um protesto público contra a polêmica medida” criada pelo governo dos Estados Unidos de separar menores de idade dos pais ou responsáveis”.³

No Brasil, essa capa repercutiu em diferentes *websites* de jornais, telejornais, e revistas, como a *Folha de São Paulo*, *O Globo*, entre outros. A imagem da capa chama a atenção do leitor para o movimento de migrações que vem acontecendo nos Estados Unidos, e coloca em discussão as políticas adotadas pelo governo para amenizar o fluxo migratório e impedir a entrada de imigrantes ilegais no país.

² Disponível em: <<http://time.com/5318229/donald-trump-border-separation-policy/>> Acesso em: 20 Jul. 2018.

³ Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/foto-de-menina-chorando-em-fronteira-dos-eua-vence-world-press-photo-2019/>> Acesso em: 10 Ago. 2019.

Essa capa e a sua respectiva reportagem referem-se à política de tolerância zero em relação à imigração ilegal nos Estados Unidos da América, implementada pelo presidente Donald Trump, em abril de 2018, por meio do memorado (Anexo C) no qual consta a determinação do presidente de processar os imigrantes ilegais criminalmente. Ao responderem esse processo, os imigrantes adultos eram detidos, porém as crianças não podiam ir para a prisão, sendo separadas de suas famílias. De acordo com a reportagem da revista *Veja online*⁴, os adultos ficavam detidos por um período e, em seguida, eram encaminhados para o Escritório de Reassentamento de Refugiados. As crianças, na maioria dos casos, não eram deportadas, ficavam nos abrigos do governo até encontrarem um “padrinho” nos EUA, de preferência membro de sua família, que já estivesse no país.

Dessas materialidades, destacamos a capa (Anexo A) e algumas sequências discursivas retiradas da reportagem (Anexo B), buscando responder a seguinte questão: quais formações imaginárias sobre o imigrante esse *corpus* (re)produz? Por consideramos a heterogeneidade da linguagem, observamos que o sentido não é único, nem estabilizado; desse modo, as marcas linguísticas e as imagéticas que destacamos possibilitaram analisar os efeitos de sentido provenientes da intrínseca relação do intradiscurso com o interdiscurso, e é através dessas regularidades que buscamos compreender esse jogo das formações imaginárias.

Nossa pesquisa de dissertação tem como objetivo principal compreender formações imaginárias sobre o imigrante que essa discursividade (re)produz, e como objetivos secundários: entender que sujeitos essa discursividade sobre a imigração produz, e verificar, ainda, em quais espaços essa discursividade coloca o sujeito imigrante; discutir o papel do discurso jornalístico enquanto (re)produtor de imaginário; estudar como as linguagens verbal e imagéticas funcionam em conjunto, transformando-se em discurso, produzindo efeitos de sentido.

Esta dissertação está inserida no projeto de pesquisa da profa. Dra. Angela Derlise Stübe, intitulado “- Ser-estar-entre-línguas-culturas: língua, identidade e formação de professores” (projeto guarda-chuva) o qual, tem entre suas discussões, questões relacionadas a compreensão do sujeito na e pela linguagem, tendo como público-alvo grupos considerados minoritários, entre eles os imigrantes.

4 Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/mundialista/fechar-a-fronteira-ou-abrir-a-porteira-governos-tremem-e-caem/>> Acesso em: 12 ago.2018.

Entendemos que nosso trabalho trará contribuições para o projeto e se justifica pela visibilidade que dará ao discurso sobre o sujeito migrante presente na mídia, em especial as formações imaginárias decorrentes desse discurso, ajudando a subsidiar considerações acerca dos do funcionamento das formações imaginárias no discurso jornalístico e suas consequências.

A pesquisa está em consonância com a nossa linha de pesquisa “Práticas Discursiva e Subjetividades”, do Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, pois, nossa investigação vai ao encontro dos estudos realizados no momento, uma vez que nos propomos, assim como outros estudos desta linha de pesquisa, a “investigações acerca dos processos discursivos de produção de sentidos e de constituição de subjetividades”⁵.

É inegável a influência dos EUA em nosso país e no mundo, e podermos perceber isso em diversas áreas, tais como: a economia, tecnologia, educação, moradia, entre outros. Por esse motivo, suas maiores revistas de circulação são alvo de reportagens no Brasil, bem como a maior parte de suas ações econômicas, sociais, legislativas, de entretenimento, entre outras, refletem em nosso país. Por ser uma das maiores potências econômicas do mundo, os EUA influenciam as nossas ações econômicas, dominam a indústria cultural, dominam o mundo da música e o mercado de consumo.

Podemos citar aqui o fato de que a Língua Inglesa já vem há alguns anos ficando conhecida no mundo todo, e por meio do funcionamento do imaginário é chamada de “língua universal”; todos contribuíram significativamente para que o inglês se alcançasse sua universalidade, e ainda que o estilo de vida americano influenciasse diversos outros povos. No Brasil, em abril de 2017, com a Reforma do Ensino Médio (Lei nº 13.415, de 2017), o ensino da Língua Inglesa se tornou obrigatório no país a partir do 6º ano do Ensino Fundamental II. O ensino de uma Língua estrangeira (LE) já era obrigatório, mas a língua a ser ensinada não era definida. O Ministério da Educação justifica essa reforma no ensino da Língua Estrangeira na escola pública, afirmando que “[...] a língua inglesa é a mais disseminada e a mais ensinada no mundo inteiro”.

⁵ UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. Pós-graduação. Mestrado em Estudos Linguísticos. Linhas de Pesquisa. Disponível em: <<https://www.uffs.edu.br/campi/chapeco/cursos/mestradoch/mestrado-em-estudoslinguisticos/linhas-de-pesquisa>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

Dessa forma, entendemos que muitas das ações tomadas pelo governo de um país que exerce tanta influência sobre o Brasil têm ressonâncias em nosso meio ao ponto de ter sua língua materna instituída nos currículos das escolas públicas do país.

Sendo assim, salientamos a relevância que tem a publicação, em um meio jornalístico mundialmente conhecido, e de grande repercussão que tem como pauta um tema atual como a imigração em massa e que é a realidade de tantas pessoas e países. Estima-se que o público da revista é de vinte e seis milhões de pessoas. Publicada nos EUA, cobre também Londres, Oriente Médio, América Latina, tem edição asiática e canadense, e as suas publicações são constantemente comentadas pelos meios de comunicação.

Devido ao impacto da publicação desta capa e da reportagem objetos deste estudo, bem como a grande circulação da revista *Time*, entendemos que a representatividade dessa publicação é demasiadamente relevante para o estudo do tema. Em vista disso, nosso gesto interpretativo propõe refletir e problematizar os discursos jornalísticos, que, por veicular fatos empíricos, produzem uma associação entre discurso jornalístico e verdade, imparcialidade e isenção, –elementos esses que são característicos desse discurso e são responsáveis pelo fato deste ser visto como transparente. Como analistas do discurso, sabemos que a linguagem não é transparente, muito menos homogênea, “[...] é por isso que não se pode deixar de refletir sobre essas questões, que estão no centro do modo de como conceber o mundo e as relações sociais e históricas hoje.” (GUIMARÃES, 2001, p.10)

Os discursos jornalísticos são dizeres legitimados que têm impacto na vida do leitor, – reflexo disso é a grande circulação da capa da *Time* pelo mundo. No Brasil, muitos *websites* fizeram reportagens sobre esta a capa em questão, afinal, uma revista, como a *Time*, tem seus dizeres histórica e institucionalmente legitimados.

A fim de cumprir os objetivos desta pesquisa, nossa análise mobilizou alguns conceitos da AD francesa e teorizará sobre o *corpus* a partir de conceitos que fazem parte do escopo teórico da AD articulados às teorias de outros campos do saber, os quais forneceram os subsídios para a análise aqui proposta, quais sejam: Condições de Produção (CP); Intradiscurso, Interdiscurso; Formação Imaginária (FI), Formação Discursiva (FD), Paráfrase e Ressonância Discursiva (RD). Como nosso *corpus* faz parte do gênero midiático, o qual é parte das relações de poder, partiremos dos estudos de Louis Althusser para pensar o discurso jornalístico enquanto aparelho ideológico do Estado. A partir desses pressupostos teóricos, desenvolveremos nosso gesto interpretativo acerca do

discurso jornalístico enquanto (re)produtor de formações imaginárias sobre os imigrantes. Ademais, discutimos questões conceituais acerca do gênero do discurso mídia, no qual o discurso do *corpus* de nossa pesquisa está inserido, por ser um discurso jornalístico.

Questões dos campos político, jurídico e social que envolvem o contexto migratório atual serão mobilizadas, pois são parte integrante do discurso sobre os imigrantes. “Essas observações fazem parte do que a AD nomeia de *Condições de Produção (CP)*, que compreendem os sujeitos e a situação de enunciação, contexto imediato e sócio histórico, ideológico” (ORLANDI, 1999, p.30)

Entendemos que se faz necessário um olhar para as CP, pois a partir desse olhar é que poderemos observar como elas estão presentes na produção dos discursos sobre a imigração, já que o discurso está vinculado a uma rede de filiações de diferentes formações discursivas. Dessa forma, as condições nas quais o discurso é produzido contribuem para o seu processo de significação.

Para analisar os efeitos do sentido desse discurso, foi necessário entender as condições de produção amplas e estritas a respeito dessa capa e reportagem. As leituras feitas para entender essas CP nos auxiliaram a delimitar nosso *corpus*.

Nosso *corpus* é composto por linguagem verbal e não verbal, que se constituem em discurso. Desse modo, nosso trabalho será estudar como essas linguagens, verbal e não-verbal, funcionam em conjunto, transformando-se em discurso, produzindo efeitos de sentido:

Analisar a imagem como discurso permite ainda entender como funcionam os discursos sobre a imagem; discursos que vêm corroborando o mito da informação (evidência do sentido), aliado a um outro mito – o da visibilidade (a transparência da imagem), os quais são fundados nos e pelos aparelhos mediáticos que produzem a assepsia da comunicação, e do próprio acontecimento discursivo, no caso, à mercê dos esforços que procuram despi-lo ao máximo da sua complexidade. (SOUZA, 1998, p. 32)

Buscamos compreender como as linguagens - verbal e imagéticas produzem efeitos de sentido, e como o discurso jornalístico da revista *Time* trabalhou o jogo das linguagens na ilusão de controlar os sentidos.

O desenvolvimento de nosso gesto interpretativo dar-se-á da seguinte maneira: nosso *corpus* de pesquisa é constituído pela capa da revista americana *Time* (Anexo A), Sequências Discursivas (SDs) retiradas da reportagem sobre a política de tolerância zero, implementada nos EUA (Anexo B).

O processo metodológico desempenhado na constituição do *corpus* e nos recortes das Sequências Discursivas (SDs) foi construído de acordo com a relação do

interdiscurso e do intradiscurso, os quais propiciaram as análises do *corpus* e os recortes necessários para atender aos objetivos da análise.

A organização deste texto orientou-se da seguinte maneira: no Capítulo I, apresentamos as CP que constituem o *corpus* da pesquisa a partir de dados de relatórios internacionais acerca dos movimentos migratórios que vêm ocorrendo nos últimos anos, a fim de refletir acerca das circunstâncias através das quais emergiu nosso *corpus*. No Capítulo II e em seus subcapítulos, discutimos a respeito da imprensa, seu papel na sociedade e seu funcionamento enquanto Aparelho Ideológico de Estado da informação. Já no Capítulo III, discutimos o funcionamento das Formações Imaginárias (FI) e das Formações Discursivas (FD), e refletimos sobre as ressonâncias discursivas que emergem e inscrevem um lugar para o sujeito imigrante. Por fim, no Capítulo IV, discorremos sobre a análise do verbal e do não-verbal na teoria do discurso, problematizando os efeitos da linguagem não-verbal na (re)produção das formações imaginárias sobre o imigrante.

A fim de atingir os nossos objetivos, selecionamos alguns pesquisadores que compõem o quadro teórico dos estudos da AD e de outras áreas do conhecimento. Considerando que nosso objeto de pesquisa trata-se de um discurso jornalístico, foi necessário recorrermos aos estudos de outros campos do saber e fazer um rearranjo teórico-metodológico para sustentar a nossa análise. Dessa forma, os estudos acerca da mídia, midiatização, discurso jornalístico e sobre a geopolítica também compõem nosso arcabouço teórico analítico.

Para refletir sobre os efeitos de sentido do discurso, partimos da capa e das SDs retiradas da reportagem sobre a capa para empreender um dispositivo teórico-analítico que possibilite relacionar, através do movimento pendular, teoria e análise, e assim refletir sobre o modo de produção e circulação do discurso jornalístico.

Entendemos com Orlandi (2008) que nossa pesquisa se constituiu em um gesto de interpretação e que esse gesto presta sua contribuição específica na construção de sentidos ao refletir sobre o conceito de formações imaginárias e sobre a (re)produção do imaginário de imigrante pelo discurso jornalístico. Compreendemos, ainda, como analistas do discurso, que a constituição de nosso *corpus* configura-se em um gesto interpretativo, visto que compreendemos que a construção do *corpus* já é um gesto de leitura.

Por nosso *corpus* tratar de um discurso sobre imigração, essa prática milenar, o capítulo a seguir foi elaborado tendo por base as CP acerca do contexto migratório dos últimos anos, no qual o discurso do nosso *corpus* se projeta.

2 O DESLOCAMENTO – IMIGRAÇÕES ATUAIS

Neste capítulo, apresentamos as questões relativas às Condições de Produção (CP) do discurso acerca das imigrações atuais. A perspectiva discursiva que adotamos nesta pesquisa compreende as CP do discurso como a ligação entre as circunstâncias do discurso e seu processo de produção. Coadunamos com Pêcheux (2010, p.74, grifo do autor.) quando esse afirma que “[...] o papel dado ao *contexto* ou a *situação*, como pano de fundo específico dos discursos, que torna possível sua formulação e compreensão”, sendo assim, os efeitos de sentido do discurso só podem ser entendidos se compreendermos as CP que circundam o sujeito e conseqüentemente o discurso.

Na Análise de Discurso (AD), as CP remetem aos sujeitos e a sua situação e, segundo Orlandi (2008), elas podem ser divididas entre CP em sentido estrito, que se refere ao contexto imediato da enunciação, e em CP em sentido amplo, que incluem o contexto sócio-histórico e ideológico. Neste capítulo em específico, tratamos das CP amplas no que tange o processo migratório que vem ocorrendo no século XXI, especificamente nos últimos dois anos, e refletiremos sobre o contexto imigratório atual e os discursos que os circundam, buscando entender como essas CP afetam a produção de sentidos dos discursos sobre os imigrantes. A análise dessas CP dar-se-á a partir de relatórios da Unesco acerca dos movimentos migratórios no mundo nos últimos dez anos, e também as migrações que vem ocorrendo para os EUA nesse período.

Na AD, é preciso considerar a relação entre sujeito e os fatores extralinguísticos para que possamos compreender como o discurso, como a produção de sentido é afetada pela relação com a exterioridade. [...] Nessa perspectiva todo o discurso é marcado por quem o diz e em quais condições (sócio-político-históricas) ele é dito. (SURDI DA LUZ, 2014, p.33)

Coadunamos com Surdi da Luz (2014), pois também entendemos que se faz necessário considerar os fatores extralinguísticos para compreender como o discurso produz sentidos, uma vez que esse se constitui na relação com o intradiscurso, e que há relação entre o exterior e a historicidade do sujeito e do sentido. Para tanto, abordamos a situação do contexto imigratório mundial nos últimos dez anos, e mais especificamente do contexto imigratório nos Estados Unidos da América, a partir dos relatórios das instituições responsáveis por acompanhar esse fluxo migratório. Além disso recorreremos a trabalhos de outros pesquisadores no que diz respeito a temática em questão.

A saga das migrações faz parte da história da humanidade. Entretanto, nos últimos anos temos acompanhado uma realidade que vem tomando rumos trágicos e preocupantes. Na medida em que se divulga cada vez mais o que

vem acontecendo em várias partes do mundo, seja nos noticiários, nas redes sociais, nos jornais impressos, um turbilhão de efeitos de sentido são produzidos pelos dizeres sobre a questão do refúgio. O aumento exponencial dos números divulgados, relatos de ações que muitas pessoas não gostariam de sequer saber que são praticadas, colocam discursos e posições em jogo. O já-dito sobre o estrangeiro que deixa seu país sofre rupturas, mobiliza novos sentidos, escancara o não-dito sobre a própria natureza do ser humano. (RIZENTAL, 2017, p. 20)

Sabemos que os movimentos migratórios ocorrem há séculos. Em cada época, diversos povos migram por diferentes motivos, bem como em cada época os países para os quais imigram os “acolhem” de diferentes maneiras.

Apesar de não se tratar de uma questão recente, nos países destinatários ainda há pessoas que têm poucas informações sobre a condição trágica dos imigrantes refugiados ou conhecimentos baseados num imaginário estereotipado que produz discursos conflitantes, cujos efeitos inscrevem estes estrangeiros numa naturalização de dizeres pejorativos e/ou na apatia. (RIZENTAL, 2017, p. 23)

Analisando as discursividades sobre as migrações do século XXI, mais especificamente as que vêm ocorrendo nos últimos quatro anos, percebemos que a maior parte delas ocorre por parte de sujeitos que se deslocam de seus países, cujas condições econômicas e sociais assolam a sua subsistência. A fome, as diferentes crises e conflitos sociais, econômicos e religiosos são os maiores responsáveis pelo movimento migratório do nosso século.

O relatório *Tendências Globais* mostra que 13,9 milhões de pessoas se somaram ao número de novos deslocados, apenas em 2014 – quatro vezes mais que em 2010. Em todo o mundo, foram contabilizados 19,5 milhões de refugiados (acima dos 16,7 milhões de 2013), 38,2 milhões de deslocados dentro de seus próprios países (contra 33,3 milhões em 2013) e 1,8 milhão de solicitantes de refúgio (em comparação com 1,2 milhão em 2013). Um dado alarmante: metade dos refugiados no mundo é formada por jovens e crianças de até 18 anos de idade.⁶

A crise dos imigrantes e refugiados, como tem sido noticiada pela grande mídia, é hoje pauta quase que diária dos telejornais, jornais, revistas, *websites* e redes sociais, por meio dos quais é possível acompanhar o drama dos imigrantes de diferentes países e continentes. Os relatórios da Organização das Nações Unidas (ONU) e da ACNUR apontam que a grande maioria de imigrantes vem da Ásia e da África. Payer (2015, p.35),

⁶ Dados do Relatório da ACNUR, Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2015/06/18/relatorio-do-acnur-revela-60-milhoes-de-deslocados-no-mundo-por-caoa-de-guerras-e-conflitos/>> Acesso em: 02 nov. 2018.

em seu artigo *Imigração à deriva e efeito de extraposição discursiva*, chama a nossa atenção para as imigrações feitas pelo Mediterrâneo, e discorre que:

A imigração passa pelo menos por quatro etapas em que o lugar de sujeito se põe em movimento:

1. A decisão de imigrar em condições de sobrevivência improvável;
2. A viagem, com riscos, atravessamentos, burocracia, vulnerabilidades (im)previstas;⁷
3. A sobrevivência imediata na chegada, na dependência imediata de outros sujeitos;
4. A continuidade da sobrevivência e as posteriores integrações (im)possíveis.

Esses apontamentos feitos por Payer remetem a inúmeros já-ditos acerca da imigração, a inúmeras reportagens que assistimos e lemos, e a processos migratórios que remontam a séculos. Recentemente, foi publicada a foto de um menino sírio encontrado morto em uma praia turca, que ficou conhecida como símbolo da crise migratória. Lendo as etapas elencadas por Payer, esse acontecimento tornou-se símbolo dessa crise, pois esse sujeito, assim como tantos outros, passou por todo um processo, cheio de adversidades pelas quais se submetem para imigrar. A condição de imigrante institui um lugar a eles, dessa forma, “além de deportações, cidades, alojamento e atos não civilizados, “o fenômeno” da imigração à deriva e das mortes no Mediterrâneo continuam convocando não só a interpretação, mas também ações urgentes das administrações em operação solução difícil”. (PAYER, 2015, p. 43)

É importante salientarmos que a distinção entre as marcas linguísticas migrante/imigrante/refugiados é de suma importância, pois o que parece ser uma simples nomenclatura designa lugares para esses sujeitos. No dicionário *online* da Língua Portuguesa⁸, os verbete migrante, imigrante e refugiado são definidos da seguinte maneira:

Migrante: adjetivo – Que muda periodicamente de um local para outro: pássaro migrante. Substantivo masculino e feminino – O que migra; o que muda de lugar, de região ou de país, de maneira periódica. (Dicionário, p.)

Imigrante Substantivo masculino e feminino – Pessoa que habita e possui residência fixa (legal ou ilegal) num país estrangeiro. Adjetivo: Diz-se da pessoa que se estabelece ou se encontra estabelecida num país estrangeiro; que imigra ou imigrou.

7 Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html> Acesso em: 30 de out. 2018.

⁸ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/migrante/>> Acesso em: 23 de Nov. 2018.

Refugiado: indivíduo que se mudou para um lugar seguro, buscando proteção. Aquele que foi obrigado a sair de sua terra natal por qualquer tipo de perseguição; quem se refugiou; pessoa que busca escapar de um perigo”.⁹

Há ainda uma diferenciação feita entre as palavras migrante e imigrante; a primeira refere-se a sujeitos que se deslocam dentro do próprio país, e na segunda o sentido de deslocamento continua, mas o termo imigração refere-se à mudança de país.

A ACNUR dispõe em seu *website* uma página¹⁰ para esclarecer as dúvidas quanto à nomenclatura:

Uma definição legal uniforme para o termo “migrante” não existe em nível internacional.[1] Alguns formuladores de políticas, organizações internacionais e meios de comunicação compreendem e utilizam o termo “migrante” como um termo generalista que abarca migrantes e refugiados. Por exemplo, estatísticas globais em migrações internacionais normalmente utilizam uma definição de “migração internacional” que inclui os movimentos de solicitantes de refúgio e de refugiados. Em discussões públicas, no entanto, essa prática pode facilmente gerar confusão e pode também ter sérias consequências para a vida e segurança de refugiados. “Migração” é comumente compreendida implicando um processo voluntário; por exemplo, alguém que cruza uma fronteira em busca de melhores oportunidades econômicas. Este não é o caso de refugiados, que não podem retornar às suas casas em segurança e, conseqüentemente, têm direito a proteções específicas no escopo do direito internacional.

Segundo os Direitos Humanos Universais¹¹, as pessoas que buscam refúgio podem cruzar fronteiras ilegalmente. A ACNUR defende que o direito de todos os seres humanos em deslocamento seja respeitado, mas, por questões legais, deve-se ter uma diferenciação nos termos migrante e refugiado, para que sejam dados o devido apoio a refugiados, pois a situação dos solicitantes de refúgio exige esse cuidado. “[...] ACNUR sempre se refere a “refugiados” e “migrantes” separadamente, para manter clareza acerca das causas e características dos movimentos de refúgio, e para não perder de vista as obrigações específicas voltadas aos refugiados nos termos do direito internacional.”

A ACNUR é o órgão que acompanha de perto os movimentos migratórios que acontecem no mundo. Suas ações são, além de acompanhar os movimentos, lutar para que os direitos humanos fundamentais desses sujeitos não sejam violados, e promover ações para acolher os imigrantes e refugiados. Este órgão dispõe ainda de relatórios

⁹ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/migrante/>> Acesso em: 23 Nov. 2018.

¹⁰ Disponível em: <https://nacoesunidas.org/qual-a-diferenca-entre-refugiados-migrantes/>>Acesso em: 23 nov. 2018.

¹¹ Disponível em: <https://nacoesunidas.org/qual-a-diferenca-entre-refugiados-migrantes/>>Acesso em: 23 nov. 2018.

atualizados acerca dos movimentos migratórios, os quais possibilitam vislumbrar como vem ocorrendo o fluxo migratório em nosso século.

Uma das questões que estão no *website* é “Todos os migrantes sempre ‘escolhem’ migrar?” E a resposta é de que são inúmeras as razões pelas quais as pessoas escolhem migrar, tais como melhorar suas condições de vida, tentar sair da extrema pobreza, ou fugir de desastres naturais. Pessoas que migram nessas condições não são consideradas refugiadas, de acordo com o direito internacional. Refugiados são pessoas que migram por sua segurança estar comprometida.

O fluxo de refugiados impulsionados pelo regime de violência arbitrária a abandonar suas casas e propriedades consideradas preciosas, de pessoas buscando abrigo dos campos de matança, acrescentou-se ao fluxo constante dos chamados “migrantes econômicos”, estimulados pelo desejo demasiadamente humano de sair do solo estéril para um lugar onde a grama é verde. (BAUMAN, 2017, p.12)

Como os migrantes não têm direito garantido por lei de atravessar fronteiras sem autorização, “Certas vezes, o fracasso em conceder-lhes proteção dos direitos humanos pode ter consequências sérias. Isso pode resultar em violações de direitos humanos, como sérias discriminações; prisão arbitrária ou detenção; ou trabalho forçado, servidão, ou condições de trabalho altamente exploratórias”.¹²

Já mencionamos que é crescente a onda de imigrações que vem ocorrendo no mundo todo, segundo relatórios das Nações Unidas:

Between 1990 and 2017, the number of international migrants worldwide rose by over 105 million, or by 69 per cent. Most of this increase occurred from 2005 to 2017. [...] Between 1990 and 2017, the size of the international migrant stock increased in 169 countries or areas, while it fell in 60. The United States of America experienced the largest increase of the migrant stock between 1990 and 2017, adding 26.5 million migrants, equal to 1.0 million additional migrants per annum. (International Migration Report, 2017, p.7)¹³

Conforme os dados do relatório, o número de migrantes nos EUA vem aumentando no decorrer dos anos. Diante desse aumento significativo, a imigração vem sendo discutida nos EUA há algum tempo. O país sempre recebeu imigrantes legais e

¹² Disponível em: <https://nacoesunidas.org/qual-a-diferenca-entre-refugiados-migrantes/>>Acesso em: 23 nov. 2018

¹³ Entre 1990 e 2017, o número de migrantes internacionais no mundo aumentou mais de 105 milhões, ou 69%. A maior parte desse aumento ocorreu entre 2005 e 2017. Entre [...] 1990 e 2017, o tamanho do estoque internacional de migrantes aumentou em 169 países ou áreas, enquanto caiu em 60. Os Estados Unidos da América tiveram o maior aumento de o estoque de migrantes entre 1990 e 2017, adicionando 26,5 milhões de migrantes, o equivalente a 1,0 milhão de migrantes adicionais por ano. (International Migration Report 2017, by United Nations p.7) Tradução Nossa. Disponível em: <http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationReport2017_Highlights.pdf>Acesso em: 10 out. 2018.

ilegais, mas sempre lutou contra a entrada de imigrantes ilegais. Nos últimos anos, conforme mostram os dados do relatório, esse aumento de imigrantes levou o governo a repensar suas políticas de imigração com o intuito de frear a entrada de imigrantes no país. O governo busca uma solução para a entrada de imigrantes ilegais, que acontece diariamente no país, principalmente na fronteira dos EUA com o México. O presidente dos EUA, Donald Trump, ainda enquanto candidato pelo partido republicano, durante as eleições para a Presidência dos EUA, em 2016, abordava em sua campanha o tema da imigração ilegal, prometendo leis mais rigorosas para controlar a entrada de imigrantes no país e impedir a entrada de imigrantes. Após vencer a corrida presidencial, uma de suas primeiras medidas relacionadas à imigração foi a implementação da política de Tolerância Zero aos imigrantes ilegais, em abril de 2018, (Anexo C).

A partir da política de Tolerância Zero adotada pelos EUA, os imigrantes que atravessassem ilegalmente a fronteira do país e fossem capturados, seriam processados criminalmente. Dessa forma, seriam encaminhados para os centros de detenção federal de imigrantes. No caso de haver crianças, essas não poderiam ficar nesses centros e, conseqüentemente, seriam separadas de seus pais e encaminhadas para abrigos, ficando sob supervisão do governo até que fossem encaminhados a tutores familiares.

Não sabemos exatamente o número de menores de idade que estavam nos abrigos, no período de vigência da implementação da política de tolerância zero, que foi entre abril e junho de 2018, mas especula-se que foram em torno de dois mil e trezentos. Essa política teve repercussão nacional e internacional negativa, foram inúmeras as discussões que ocorreram em torno do fato, bem como muitas reportagens. A Organização das Nações Unidas (ONU) se manifestou pedindo o fim dessa política, por entender que os direitos das crianças estavam sendo violados. Depois de muitos debates, no dia 25 de junho de 2018, o presidente Donald Trump interrompeu a política de tolerância zero.

Diante desses acontecimentos, a revista americana *Time* publica uma reportagem em sua edição do mês de julho de 2018 (Anexo A), trazendo na capa Trump frente a uma criança e uma reportagem intitulada “*A Reckoning After Trump’s Border Separation Policy: What Kind of Country Are We?*”¹⁴.

Devido às grandes proporções de migrantes, essas situações têm causado muitas discussões políticas, sociais, econômicas e humanitárias, e são constantemente noticiadas

¹⁴ Uma autocrítica à política de separação das fronteiras de Trump, que país somos nós. (Tradução nossa).

pela mídia. São muitas as reportagens sobre imigrantes, relatórios, números, gráficos, dados, sabem-se os motivos dessas migrações e as condições em que ocorrem. São vários os discursos sobre a imigração, sobre o imigrante, discursos esses que instituem um lugar para esse sujeito, a produção de sentidos que evoca desses discursos e (re)produzem imaginários do sujeito imigrante¹⁵.

Segundo reportagem da *Isto É*, publicada em maio de 2018, o Departamento de Segurança Nacional dos EUA informou que o número de pessoas detidas que cruzavam a fronteira ilegalmente triplicou em relação ao mês de abril de 2017. O significativo aumento de pessoas entrando ilegalmente nos EUA, as diferentes maneiras ilegais que buscam para entrar e se manter no país e os impactos econômicos que causariam a entrada desenfreada de imigrantes, são alguns dos motivos pelos quais o país passou a debater suas políticas migratórias e a buscar soluções para impedir que pessoas entrassem na ilegalidade e assim permanecessem no país.

Conforme mostram os dados dos relatórios das Nações Unidas, os países desenvolvidos são os maiores destinos de imigrantes, os estudos mostram que a maior parte de imigrantes buscam países desenvolvidos como destino, pois eles são mais atrativos em inúmeros sentidos, desde mercado de trabalho, segurança, educação, economia, entre outros. Os EUA é historicamente um país que atrai muitos imigrantes, o país recebeu e ainda recebe milhares de imigrantes legais, e vem lutando contra a imigração ilegal.

¹⁵ Essas discussões serão abordadas nos capítulos seguintes.

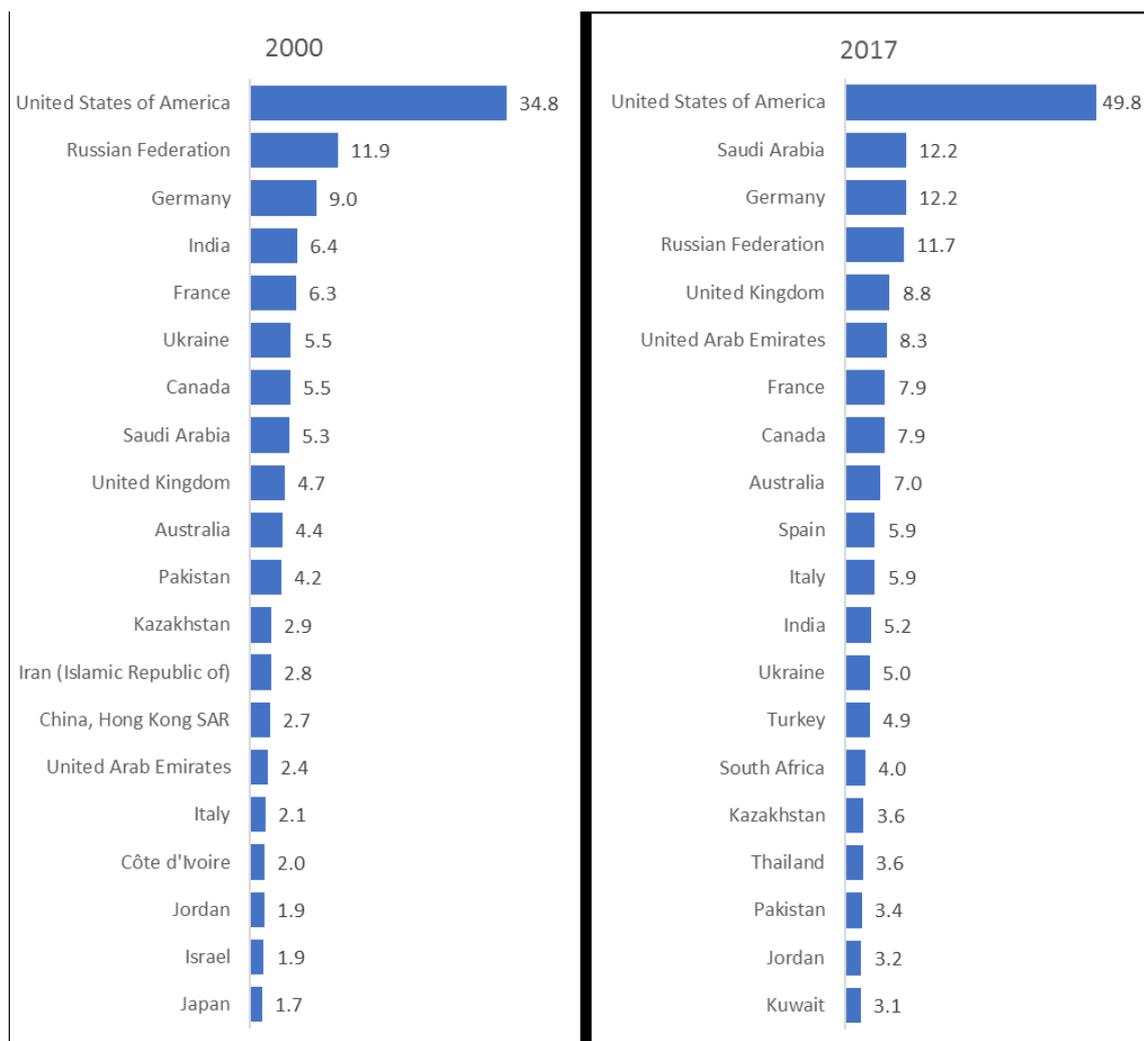


Figura 1: Vinte países ou áreas que hospedam o maior número de migrantes internacionais, 2000 e 2017, número de migrantes (milhões). Fonte: United Nations (2017a) Notes: “China, Hong Kong SAR” refers to China, Hong Kong Special Administrative Region¹⁶

O gráfico acima mostra o número de migrantes hospedados nos EUA em 2000 e em 2017, nele percebemos um aumento de 15 pontos percentuais em 7 anos. Comparado o aumento da entrada de imigrantes nos países desenvolvidos, a Alemanha, por exemplo, neste mesmo período teve um aumento de 3,2 pontos percentuais, ou seja, no mesmo período os EUA receberam mais de 37 milhões de imigrantes a mais do que os países em segundo lugar do gráfico, são um total de 45,7% de imigrantes a mais do que a Alemanha e a Arábia Saudita receberam. O relatório aponta, também, que os países desenvolvidos são os mais procurados como destino pelos imigrantes, como percebemos no gráfico, o

16

http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationReport2017_Highlights.pdf>Acessoem: 10 Out 2018.

Brasil, bem como nenhum outro país da América Latina, por exemplo, nem aparecem como um dos mais procurados.

O governo republicano de Donald Trump possui políticas alinhadas a sua base mais conservadora, que preserva ideais de direita e defende, na área econômica, a redução de impostos; no campo social, opõe-se ao casamento homoafetivo e ao aborto e, ainda, defende medidas mais rígidas para impedir a entrada de imigrantes ilegais no país.

A pauta da imigração ilegal tem sido muito discutida no congresso americano por republicanos e democratas. Em seu pleito eleitoral, uma das promessas de campanha de Trump é a de construir um muro na fronteira dos EUA com o México, local onde ocorrem as maiores entradas de imigrantes ilegais. Sabemos que legislações dessa temática já assistiam, e foi uma delas, a decisão da corte federal americana em 1997, chamada “Flores Settlement Agreement”, na qual o presidente Donald Trump encontrou suporte para justificar a implementação da política de tolerância zero, ou seja, além das imigrações serem acontecimentos históricos, as legislações para limitar e impedir imigrações também foram historicamente construídas.

Essas discussões existem, pois historicamente, como vimos na figura 1 e como veremos na figura 2, os EUA é um país que recebe muitos imigrantes. O gráfico abaixo mostra o crescimento de 35,1% da imigração mexicana para os EUA entre 2000 e 2017.

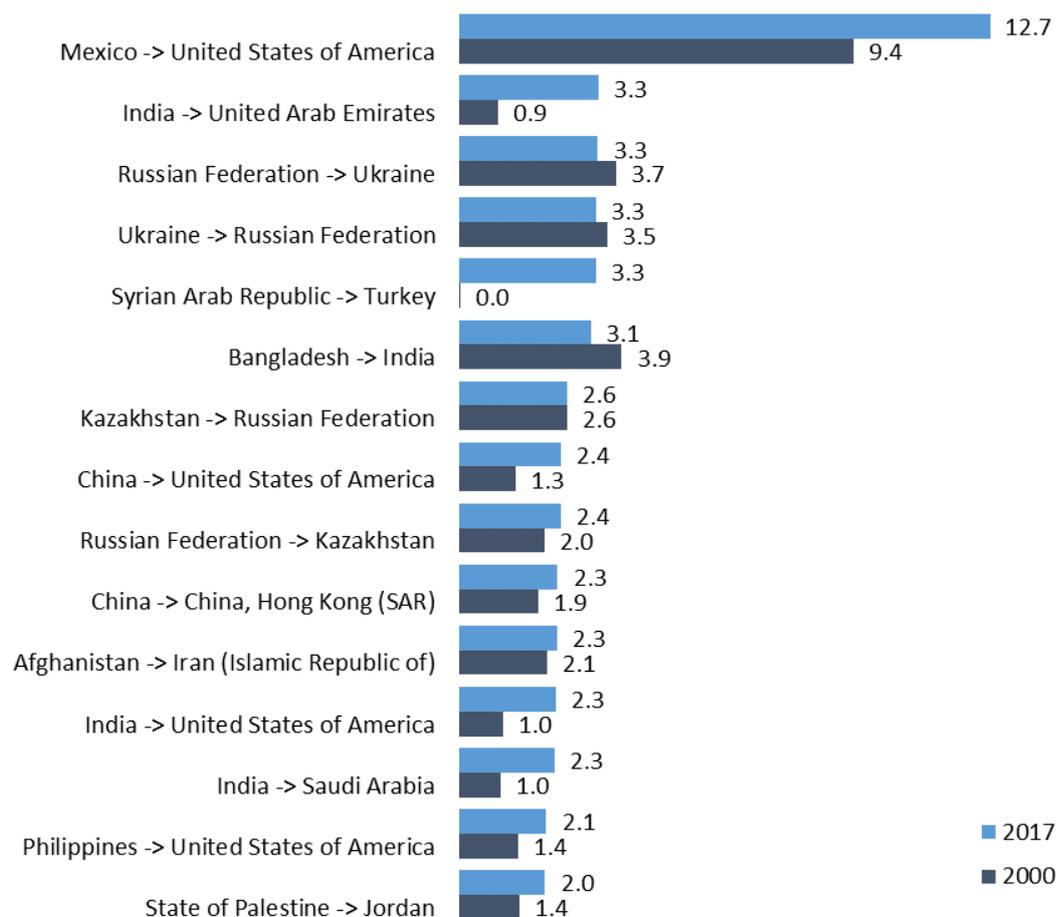


Figura 2: Quinze maiores populações de migrantes internacionais de um único país ou área de origem que vivem num único país ou área de destino, 2000 e 2017 (em milhões). Fonte: United Nations (2017a) Note: “China, Hong Kong SAR” stands for China, Hong Kong Special Administrative Region¹⁷

Os dados das figuras 1 e 2 mostram o expressivo aumento no número de imigrantes que os EUA recebeu nos últimos anos, o que demonstra que o país tem recebido um grande número de migrantes, o que nos leva a problematizar o posicionamento do Estado, através da implementação da Lei de Tolerância Zero a imigrantes ilegais bem como a opinião da reportagem sobre o assunto.

A Sequência Discursiva (SD) a seguir é um trecho do primeiro parágrafo da reportagem da *Time*, (Anexo C) a qual nos remete a refletir sobre o modelo de democracia no qual os EUA está ancorado, e ainda relacionando as ações do Estado com a expressiva entrada de imigrantes.

17

http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationReport2017_Highlights.pdf> Acesso em: 10 out. 2018.

SD 1”The Enlightenment ideals Thomas Jefferson etched onto the Declaration of Independence were given voice by Presidents from George Washington to Barack Obama. Donald Trump doesn’t talk like that. In the 18 months since his Inauguration, Trump has mentioned “democracy” fewer than 100 times, “equality” only 12 times and “human rights” just 10 times. The tallies, drawn from factba.se, a searchable online agglomeration of 5 million of Trump’s words, contrast with his predecessors’: at the same point in his first term, Ronald Reagan had mentioned equality three times as often in recorded remarks, which included 48 references to human rights, according to the American Presidency Project at the University of California, Santa Barbara”.¹⁸

Nessa sequência, a reportagem parece analisar nesse contexto sócio-histórico a relação dos presidentes com os ideais do estado democrático, cujo efeito se mostra na constituição do discurso dos presidentes. Compreendemos que o discurso da revista, sob o viés dos ideais do Iluminismo, do respeito às conquistas pela igualdade, impele o sujeito a identificar-se, *quem somos?*, e confere, ainda, esse papel da identidade do povo aos discursos dos presidentes.

Os estudos de Vesentini (2012) acerca das principais representações geopolíticas do mundo pós-guerra fria trazem algumas considerações sobre a democracia, os direitos humanos e as relações de poder, que nos levam a avaliar os efeitos de sentido desse discurso acima.

O autor inicia a obra mencionando que o conceito de geopolítica se modificou desde seus primeiros estudos até aqui, considerando as mudanças que aconteceram na sociedade, no seu surgimento. Assim, o que hoje conhecemos como geopolíticas, no início do século XX tinha como preocupação a correlação de forças militares.

As novas geopolíticas, não por coincidência surgidas na “era da globalização e enfraquecimento (relativo) dos Estados nacionais, normalmente não são feias “para o Estado” e tampouco o veem como único autor na política mundial.

¹⁸ *SD 1 A jogada brutal de Trump na fronteira reflete um Presidente desconfortável com o90s ideais. Os presidentes têm muitos empregos e um nos diz quem somos. Nos primeiros 240 anos da história dos EUA, pelo menos, nossos mais respeitados executivos-chefes articularam de forma confiável um conjunto de valores humanistas de alto nível que uniam uma nação diversa ao nomear o que aspirávamos: democracia, humanidade, igualdade. Os ideais do Iluminismo de Thomas Jefferson, gravados na Declaração da Independência, receberam voz de presidentes de George Washington a Barack Obama. Donald Trump não fala assim. Nos 18 meses desde sua posse, Trump mencionou “democracia” menos de 100 vezes, “igualdade” apenas 12 vezes e “direitos humanos” apenas 10 vezes. (Tradução Nossa).*

Novos autores ou sujeitos são levados em consideração, desde as civilizações ou grandes culturas até as ONG's, passando pelas empresas multi ou transnacionais, pelas organizações internacionais (ONU, OMC, FMI, etc.) e pelos "blocos" ou mercados regionais (União Europeia, Nafta, Mercosul etc.). E novos campos de luta são agora vistos como importantes para a compreensão das relações de poder no espaço mundial, desde a questão ambiental [...] até as lutas pelos direitos das mulheres, de minorias étnico-nacionais, de grupos com diferentes orientações sexuais, de povos sem território reconhecido, de populações excluídas na sociedade global ou em sociedades nacionais, etc. (VESENTINI, 2012, p.12).

Como toda a teoria, a geopolítica apresenta diferentes ideias com relação aos acontecimentos da realidade e, por uma questão de recorte metodológico, nosso estudo trará as contribuições que se relacionam com o nosso *corpus*.

Segundo Vesentini (2012, p. 33), os estudos do professor de economia no MIT, Lester Thurow, compreendem que as competições econômicas passaram a dominar o mundo pós-Guerra Fria, o qual não é mais dividido entre parceiros e inimigos, mas, sim, um mundo coordenado pelo que ele chama de "jogo simultaneamente competitivo e cooperativo", no qual as economias concorrem ao mesmo tempo em que se interligam. Sendo assim, a disputa atual é por melhorar e ampliar os bens e serviços, evitando as crises, pois, como estão interligadas, se uma economia se desestabilizar, afetará as demais.

Bauman (1999) chama a nossa atenção para o fato de que as fronteiras foram estabelecidas para promover a manutenção da ordem social e salienta ainda que "ordenar um setor do mundo passou a significar: estabelecer um Estado dotado de soberania para fazer exatamente isso." (Idem, p. 61). Sendo assim, os Estados e fronteiras foram calculados para garantir a hegemonia da ideologia dominante, a ordem e o progresso.

Segundo argumentos de Thurow, os países capitalistas buscam, além da estabilidade financeira, estratégias para permanecer nesse jogo competitivo cooperativo, no qual a sua economia não sofra alterações e que o país colabore com os demais países. Conforme o professor Thurow aponta,

[..] cabe agora aos norte-americanos tomarem consciência e se engajarem na estratégia adequada para esse novo jogo competitivo/cooperativo: evitar os perigos (que, na sua opinião, não consistem mais em ideologias alternativas ao capitalismo e sim no descontentamento gerado pelas desigualdades, migrações e injustiças, que está produzindo em algumas áreas o crescimento do racismo e neonazismo) e promover condições para o seu país continuar liderando o mundo neste novo século. (Idem, p.35)

Para o historiador inglês Paul Kennedy (*apud* Vesentini, 2012), os desafios enfrentados no nosso século foram causados pela globalização e pelo capitalismo, seriam eles, o aumento da desigualdade social e os problemas ambientais, entre outros, que

acarretam outros problemas, como o da migração em massa e aponta que “[...] pela primeira vez o Sul pode prejudicar o Norte”. Segundo o autor, as ações econômicas tomadas pelos governos dos países desenvolvidos afetam a economia da maior parte dos demais países, e os que mais sofrem com essas alterações são os países subdesenvolvidos. O movimento migratório em massa pode afetar não só a área econômica como a social, a de segurança, entre outras, dos países desenvolvidos. Esse é um dos motivos pelos quais os países desenvolvidos têm um controle rigoroso da entrada de imigrantes.

Visto que, segundo Orlandi, os fatores extralinguísticos são fundamentais para compreendermos os efeitos de sentido do discurso, as considerações feitas neste capítulo fazem parte das CP amplas em torno do nosso *corpus*, necessárias para refletirmos acerca do jogo de poder competitivo e cooperativo que rege a nossa sociedade e (re)produz formações imaginárias.

3 MOVIMENTOS DE SENTIDOS NO ESPAÇO JORNALÍSTICO

Os relatórios das Nações Unidas e da ACNUR, apresentados no capítulo anterior, nos ajudaram a conhecer e entender o fluxo do movimento migratório que vem sendo noticiado nos meios de comunicação nos últimos dois anos, – movimento esse que suscitou debates e políticas como a da tolerância zero a imigrantes ilegais.

Outra discussão pertinente que trouxemos anteriormente, ainda que indiretamente, e a qual retomamos neste capítulo, é a de posição do sujeito discursivo, o presidente dos EUA, que a SD1 representa. Consideramos que para a compreensão das formações imaginárias (FI) é preciso considerar o lugar discursivo do sujeito, ou seja, quem diz e como diz no jogo discursivo.

Neste capítulo, apresentamos as noções teórico-metodológicas que embasaram nossas análises. Compreendemos os conceitos como fundantes de nossas análises, pois a partir deles é que desenvolveremos nosso gesto interpretativo, identificando as formações discursivas e imaginárias, os efeitos de sentido provenientes da relação do intradiscurso e do interdiscurso, explicitando os movimentos dos feitos de sentidos acerca do imigrante, responsáveis por estabelecer posições aos imigrantes.

Considerando que toda teoria é uma construção discursiva, as definições de discurso jornalístico e midiático, embora utilizados como sinônimos em muitos casos, adquirem formatos diferentes perante os pesquisadores

Neste capítulo e nos seus subitens, propomo-nos a pensar a mídia e o jornalismo, levantando uma discussão teórica acerca desses gêneros a fim de conhecer a historicidade e o funcionamento dessas noções e sua participação na (re)produção de formações imaginárias (FI). Pensar na relação entre formações imaginárias (FI) e discurso jornalístico implica refletir sobre o imaginário.

Não temos a pretensão de definir o que caracteriza esse ou aquele discurso, mas de reconhecer o funcionamento deles para compreender como o discurso do *corpus* de nossa pesquisa se projeta na rede de FI. Para tanto, é necessário adentrarmos no *modus operandis* de nosso *corpus*, pois é esse modo que busca determinar os sentidos e (re)produzir formações imaginárias.

3.1 GÊNEROS DO DISCURSO

Desenvolvemos este tópico e o seguinte (3.2) para discutir a questão do gênero discursivo no qual se organiza o *corpus* que compõe a nossa pesquisa, pois compreendemos que se faz necessário entender o funcionamento do gênero discursivo dessa materialidade linguística para que possamos compreender como o gênero midiático atua na (re)produção das formações imaginárias.

Não é nosso objetivo categorizar os gêneros, mas entender como eles organizam os discursos, mais especificamente como o discurso do *corpus* da pesquisa está organizado. Considerando que são muitas as teorias acerca dos gêneros do discurso, entendemos que os pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin sobre os gêneros nos dará o suporte necessário para o desenvolvimento do nosso estudo.

Em sua obra *Estética da Criação Verbal* (2011), o autor chama a nossa atenção para a importância de um estudo da “[...] natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados (primários e secundários) isto é, dos diversos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 264). É essa relação que buscamos compreender aqui, ou seja, a natureza e as particularidades do discurso que compõem o *corpus* da pesquisa, pois segundo o autor os gêneros organizam o discurso, já que, são determinados pela “[...] função da situação, da posição social e das relações de reciprocidade entre os participantes da comunicação”. (Idem, p. 283)

Para esse estudo, o autor elenca algumas características que determinam os gêneros discursivos, a partir de seu desenvolvimento nos campos da atividade humana. Segundo Bakhtin (2011), o emprego da língua efetua-se através de enunciados orais e escritos proferidos por sujeitos de diferentes campos da atividade humana. Como os sujeitos agem de acordo com a especificidade de cada campo da comunicação, a linguagem também será utilizada de acordo com esses campos.

Dessa forma, os enunciados são determinados pelas condições específicas desses campos, que ocasionam diferentes formas de enunciados que se estabilizam parcialmente, mas também mudam em função das transformações dos campos, por isso, Bakhtin considera que os gêneros discursivos são tipos *relativamente* estáveis de enunciados. O autor salienta que eles são relativamente estáveis, pois, por mais que tenhamos diferentes esferas sociais e diferentes formas de se comunicar com cada esfera, essas estão em constante transformação, por isso, os gêneros têm algumas características, mas essas não são imutáveis. Para o autor, essas características se transformam junto com

as mudanças que ocorrem nos campos da atividade humana, mas ao mesmo tempo normatizam e organizam o discurso.

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2011, p.262)

Para definir parcialmente esses gêneros, o autor aponta que os enunciados são caracterizados pelo seu conteúdo temático (domínio de sentido), pela sua construção composicional (maneira de estruturar o enunciado) e pelo estilo (escolhas de meios linguísticos). Sendo que a linguagem é abordada na relação entre a atividade humana e o uso da língua, as duas esferas são indispensáveis para entender os gêneros discursivos. A partir dessas esferas, ele separa os gêneros em primários e secundários, de modo que os primários são caracterizados como mais simples “[...] que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem um caráter especial” (Idem, p. 263), e os secundários são os mais complexos, pois

[...] surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples)” (Idem, 2011, p. 263)

A partir dos estudos dos gêneros feitos por Bakhtin, nos possibilitaram compreendermos que o sujeito ao enunciar é guiado pelos diferentes gêneros, ou seja, o que determina a escolha do modo de enunciar são gêneros discursivos. Remetendo esses pressupostos teóricos ao nosso *corpus*, compreendemos que a construção daquele discurso também ocorreu considerando a normatização do gênero do qual faz parte. Conforme o autor,

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um certo gênero do discurso. Essa escolha é determinada pela especificidade de um determinado campo da comunicação discursiva por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero. (BAKHTIN, 2011, p.282)

Compreendemos que os gêneros se constituem a partir das esferas da atividade humana, e essas esferas das quais Bakhtin (2011) nos fala são as estruturas organizacionais e as relações de poder nas quais estamos inseridos, por meio das quais organizamos a nossa fala. Elas são caracterizadas pelo predomínio de determinadas

configurações para sua determinação e identificação, e, além disso, o suporte em que o discurso está inserido também é responsável por determinar o gênero discursivo.

Dessa forma, entendemos que o nosso *corpus*, que é composto pela capa e a reportagem de uma revista, está inserido dentro do campo do gênero midiático - haja vista que a reportagem e a capa, entendidas como um gênero, circulam em determinada esfera discursiva, isto é, em determinado campo, em que diversificadas interações sociais ocorrem a partir de diferentes gêneros discursivos - , o qual abarca diferentes tipos de discurso escritos, imagéticos, orais, etc., o discurso jornalístico é um deles. Ele tem uma estrutura menos flexível, e é construído de acordo com as especificidades do seu gênero, ou seja, tem seu conteúdo temático, sua construção composicional e estilo bem particular.

Portanto, entendemos em termos gerais, que o discurso jornalístico pode se apresentar em diferentes gêneros discursivos (reportagem, notícia de jornal, notícia na televisão, na web, nas redes; notas de furos, twittes, postagens em redes sociais, capas de revista, revistas, colunas). Nessas diferentes formas de expressão (estrutura composicional) pode ainda variar muito o estilo (pode ser formal, informal, sério, em tom de burla, irônica, dura). Pode ainda variar o conteúdo temático (muitos assuntos diferentes são abordados no campo midiático). Por tudo isso, o gênero midiático possui uma arquitetura flexível, que abarca diferentes discursos complexos, cada qual com suas características específicas, mas todos com pontos de apoio no midiático para desenvolver suas características.

Com o avanço das tecnologias, o gênero midiático nunca esteve tão ágil e amplo; uma notícia, por exemplo, publicada na rede alcança um número gigantesco de pessoas em um curto período de tempo. Como a maioria dos veículos tem sua versão impressa e digital, a publicação de um discurso na rede atinge o mundo todo, ainda mais se esse discurso for parte de um veículo que ocupa um lugar de prestígio. Sendo assim, no próximo capítulo abordaremos o funcionamento do gênero midiático na sociedade.

3.2 PRÁTICAS DISCURSIVAS NA MÍDIA.

Os constantes avanços tecnológicos representam um processo de transformação nos diferentes âmbitos da sociedade, assim sendo, somos compelidos a questionar aquilo que é descrito, e como esses avanços interferem no modo de (re)produção de informação.

Neste subcapítulo, faremos um esboço da descrição, feita por alguns teóricos da

área da comunicação, de conceitos necessários para compreendermos o funcionamento do discurso de nosso *corpus*. Nosso objetivo é discutir a relação da (re)produção da informação com o jogo das formações imaginárias, e com o efeito de verdade/homogeneidade da língua, os quais, de modo geral, produzem efeitos de evidência que o discurso jornalístico é imparcial, e de que a língua tem sentido unívoco.

O foco principal deste capítulo é conceitual, centrando-se em concepções acerca do discurso jornalístico e midiático visto como uma figura discursiva, cuja forma unificada era pressuposta tanto pelos discursos dos pensadores da área da comunicação quanto pelo imaginário sobre esse discurso.

Um dos autores que aborda a questão da mídia é Althusser (1992), para quem a imprensa faz parte dos aparelhos ideológicos de Estado (AIE) da informação, sendo assim, é parte das relações de poder que se estabelecem na sociedade, e é responsável por assegurar a hierarquia das ideologias dominantes.

Na obra *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*, Althusser (1992) remete à teoria marxista, que contribui para a compreensão da organização social. Segundo o autor, para que ocorra o funcionamento da sociedade é preciso assegurar a reprodução das condições de produção, para tanto, é necessária a qualificação da força de trabalho e a reprodução da sujeição à ideologia dominante. Essa é a lógica do sistema capitalista: criar mecanismos para o sistema capitalista se perpetuar, de modo que o sistema produz e reproduz meios de produção através de um círculo vicioso, no qual um meio depende do outro. Assim, entendemos que onde há poder, há busca pelo poder, e lá estão os aparelhos ideológicos, entre eles, os midiáticos.

Pêcheux (2014) faz uma síntese comentada no tocante à ideologia da qual Althusser trata:

[...] não tem história, na medida em que ela se caracteriza por uma “estrutura e um funcionamento tais que fazem dela não-histórica, isto é, *omni-histórica*, no sentido em que esta estrutura e este funcionamento se apresentam na mesma forma imutável em toda história, no sentido em que o Manifesto define a história como “história da luta de classes, ou seja história das sociedades de classe. [...] Portanto, a história, ainda uma vez, isto é, a história da luta de classes, isto é, a reprodução/trans formação das relações de classes – com os caracteres infra-estruturais (econômicos) e superestruturais (jurídico-político e ideológicos) que lhes correspondem. É no interior desse processo “natural humano” da história que a Ideologia é eterna” (*omni-histórica*) – enunciado esse que faz eco à expressão de Freud: “o inconsciente é eterno” (PÊCHEUX, 2014, p.137 grifos do autor)

A referência que Althusser faz ao inconsciente, tal como Freud o conceitua, por entender que ambos, ideologia e inconsciente, têm funcionamentos parecidos, o de “[...]”

dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências” subjetivas, devendo entender-se este último adjetivo não como “que afetam o sujeito”, mas “nas quais se constitui o sujeito”. (Idem, p.139). Assim sendo, os efeitos do funcionamento da ideologia estão na constituição do corpo social, de maneira a garantir a reprodução dos meios de produção.

Dizendo de outro modo, a ideologia produz a realidade, naturaliza o sentido. Ela influencia no impossível de ser dito, simbolizado, produzindo um imaginário de realidade. A ideologia, por esse viés, é “[...] uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com as suas condições de existência” (ALTHUSSER, 1992, p. 77). Segundo o autor, a ideologia é responsável por garantir a produção das relações de produção da classe dominante.

Para Althusser (1992), o funcionamento da organização social para assegurar o funcionamento da Ideologia dominante, dá-se através do Aparelho Repressivo de Estado, representado pelo Governo, Administração, exército, polícia, tribunais, ou seja, todas as instituições que funcionam massivamente pela repressão e, também, pelos Aparelhos Ideológicos de Estado, que são:

[...] um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob forma de instituições distintas e especializadas. [...] podemos desde já considerar como Aparelhos Ideológicos de Estado as instituições seguintes: AIE religioso (o sistema das diferentes Igrejas); AIE escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e particulares); AIE família; AIE jurídico; AIE político (o sistema político de que fazem parte os diferentes partidos); AIE sindical; AIE da informação (imprensa, rádio- televisão, etc.); AIE cultural (Letras, Belas Artes, desportos, etc.). (ALTHUSSER, 1992, p.43-44).

Segundo o autor, ambos os aparelhos, repressivo e ideológico, existem para assegurar a reprodução das relações de produção. O autor observa que o Aparelho repressivo funciona massivamente pela violência, enquanto que os AIE funcionam massivamente pela Ideologia. Cada qual com seu funcionamento é construído de maneira que garanta a permanência da ideologia dominante, conforme vemos:

1-Todos os Aparelhos Ideológicos de Estado, sejam eles quais forem, concorrem para um mesmo resultado: a reprodução das relações de produção, isto é das relações de exploração capitalistas. 2- Cada um deles concorre para que este resultado único da maneira que lhe é própria. O aparelho político sujeitando os indivíduos à ideologia política de Estado, a ideologia “democrática”, “indireta” (parlamentar) ou “direta” (plebiscitária ou fascista). O aparelho de informação embutindo, através da imprensa, da radio, da televisão, em todos os “cidadãos”, doses quotidianas de nacionalismo, chauvismo, liberalismo, moralismo, etc. (Idem, p. 63)

Entendemos que o funcionamento desse AIE da informação elencado por Althusser remete à análise do funcionamento da sociedade da sua época, na qual o contexto da imprensa é de grande poder de influência, e uma parte dela servia ao Estado.

Sendo assim, coadunamos com Pêcheux (2009, p.277) no sentido de que “Aprender até o seu limite máximo a interpelação ideológica como *ritual* supõe reconhecer que não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas [...]”, e algo que falha nos AIE da informação é que toda a imprensa parece servir ao Estado, mas, como não há ritual sem falhas, compreendemos que a imprensa também serve como um aparelho de crítica ao Estado, de resistência.

Assim como a transformação da sociedade é constante, o funcionamento da (re)produção da informação também, os avanços tecnológicos permitiram a criação de mídias independentes, há diferentes formatos de criação de conteúdo, desde canais em *Youtube*, até páginas nas redes sociais, as quais estão cada vez mais fazendo parte do dia a dia dos sujeitos. Sendo assim, o poder de influência do Estado sobre a imprensa é mais diluído, visto que há uma diversidade de aparelhos de informação. Dessa forma, consideramos que, atualmente, a imprensa exerce vários papéis na sociedade, serve aos interesses do Estado, critica o Estado, serve à sociedade, e também a seus próprios interesses, como veremos. Para Mariani (1996, p.67), a propriedade do discurso jornalístico

É a sua submissão ao jogo das relações de poder vigentes, é sua adequação ao imaginário ocidental de liberdade e bons costumes. É, também, o efeito de literalidade decorrente da ilusão da informatividade. Estas propriedades, no nosso entender, estão no cerne da produção jornalística: são aspectos invariantes de qualquer jornal de referência.

Tendo em vista que na sociedade do século XXI houve um enorme avanço tecnológico, que fez com que as pessoas tivessem acesso à informação por diferentes veículos e essas informações se alastraram pelo mundo em pouco tempo, isso nos faz olhar para esses veículos de informação que fazem parte do dia a dia dos sujeitos e nos levou a pensar como uma notícia¹⁹ é apresentada aos sujeitos, quais os efeitos de sentidos que ela (re)produz e como esse imaginário contribui para a manutenção do jogo das formações imaginárias.

Os recursos explorados pela mídia produzem imaginários sobre o noticiado, constroem memória social e revelam a própria funcionalidade do texto. Nas sociedades modernas revelasse a funcionalidade de um sujeito moldado pela

mídia, que é atravessado pelo outro, fragmentado e costurado pelo espetacular. (GRIGOLETTO; SCHONS, 2007, p. 2018, grifo dos autores.)

Quando o jornalismo transforma um acontecimento empírico em uma notícia, ou em uma reportagem, faz com que ele receba atenção pública, causando efeitos de sentido múltiplos. O enfoque dado pelo jornalista ao acontecimento empírico trata-se de um ponto de vista. Então, ao retratar um fato ele já está atravessado por pontos de vista definidos, por subjetividades que o recortam de diferentes maneiras.

Neste trabalho, nosso objetivo principal não é categorizar, especificar, mensurar ou etiquetar os gêneros discursivos estudados, mas antes reconhecer o funcionamento e o cenário de composição desses gêneros e especialmente sua inter-relação, a fim de compreendermos os discursos informativos veiculados em revistas de informação semanais brasileiras. Por isso, considerando a amplitude da questão dos gêneros discursivos, trataremos, neste capítulo, da problemática dos gêneros abordando apenas algumas concepções que julgamos necessárias à compreensão de nosso objeto de estudo.

Conforme compreendemos com Bakhtin, cada gênero possui características particulares, no seu conteúdo, estilo, e construção composicional, portanto, neste capítulo, buscaremos reconhecer as características que tornam os gêneros distintos. Buscamos, em nossa pesquisa, reconhecer o funcionamento desses gêneros, particularmente as suas correlações, para tanto, expomos as concepções que consideramos necessárias para a reflexão acerca do objetivo principal da pesquisa.

Além disso, entendemos que, para situar o nosso leitor, é importante a compreensão das características de cada gênero. Para tanto, os estudos de Bonini (2001), acerca da distinção entre o gênero notícia e reportagem, apontam para um embaraço na definição das características específicas dos gêneros. Isso ocorre, pois há poucos estudos acadêmicos acerca dessa diferenciação entre eles, o que dificulta o reconhecimento das especificidades de cada um. Sendo assim, Bonini conclui que:

Os dados levantados no experimento apontam para a conclusão de que o jornalista reconhece os demais textos pela diferença ou similaridade com a notícia, não em função exatamente das partes características do texto noticioso, mas dos aspectos práticos envolvidos na instauração do gênero. (BONINI, 2001, p. 5)

Em consonância com os estudos de Bonini e por consideramos que há semelhanças entre os gêneros notícia e reportagem, entendemos que as discussões levantadas a respeito da notícia podem ser aplicadas à reportagem, no que tange à análise socioideológica, e no nosso caso a análise discursiva.

A principal diferença entre elas é que a notícia será sempre um fato novo sobre determinado assunto, já a reportagem pode abordar tanto fatos novos, como fatos antigos. A notícia, por ser um fato novo, tem a urgência da publicação, portanto, os profissionais não têm muito tempo para pesquisar mais sobre o tema, detalhar e polemizar o assunto. A reportagem sempre traz mais informações acerca do tema do que a notícia, pois resulta de um trabalho de pesquisa sobre o assunto.

Fazendo essa distinção, compreendemos que um dos documentos do *corpus* da pesquisa trata-se de um discurso jornalístico categorizado como reportagem, que foi baseada em fatos noticiados amplamente, o assunto tratava-se de um fato novo. Entendemos que as discussões teóricas abordadas acerca da notícia podem ser utilizadas para pensarmos a reportagem, por compreendermos que para nosso estudo o efeito de sentido do discurso é o que (re)produz formações imaginárias. Assim, utilizaremos discussões teóricas acerca dos dois gêneros para as reflexões acerca da (re)produção do discurso na mídia.

Num estudo clássico sobre a produção da notícia, Tuchman (1983) tendo como pressuposto a concepção sociológica dos atores sociais argumenta que por um lado a sociedade ajuda a formar a consciência e, por outro, mediante uma apreensão intencional dos fenômenos do mundo social compartilhado – mediante seu trabalho efetivo –, os homens e as mulheres constroem e constituem os fenômenos sociais coletivamente. Segundo a autora, cada uma destas perspectivas ao atuarem sobre os atores sociais determinam uma abordagem diferente da notícia. A idéia da notícia como um espelho da realidade corresponderia à concepção tradicional das notícias. Este ponto de vista defende a “objetividade” como um elemento chave da atividade jornalística. Dentro desta concepção, o máximo que se admite é a possibilidade de que as notícias reflitam o ponto de vista do jornalista (STAMM, 1976). Já Gaye Tuchman defende que a notícia não espelha a realidade. Para a autora, a notícia ajuda a constituí-la como um fenômeno social compartilhado, uma vez que no processo de definir um acontecimento a notícia define e dá forma a este acontecimento. Ou seja, a notícia está permanentemente definindo e redefinindo, constituindo e reconstituindo fenômenos sociais. (VIZEU, 2003 p.1)

Coadunamos com Tuchman (1993) e Vizeu (2003) no que se refere ao fato de que a notícia não é um espelho da realidade; em vez disso, compreendemos que a notícia é uma construção, e que a partir de um fato empírico constrói-se uma notícia. Dessa forma, entendemos que, para produzir notícias e reportagens, o jornalismo utiliza diferentes recursos visuais, gráficos, de foco, entre outros, para construí-las, dando ênfase em algumas imagens, não enfatizando outras, elaborando maneiras de produzir seu conteúdo.

Como explicam Jacks, Machado e Muller (2004), ainda que, na alçada das Teorias do Jornalismo, o debate sobre as notícias como espelho da realidade já esteja ultrapassado, tendo em vista a influência da subjetividade do próprio jornalista sobre a notícia, fazer com que o leitor acredite, ainda que

parcialmente, nessa ilusão é fundamental para a sobrevivência da atividade jornalística. (WEBER, 2013 p.30)

Entendemos que há um imaginário de lugar de prestígio dos grandes veículos de imprensa, os quais ocupam em nossa sociedade um importante lugar, pois eles dominam massivamente a maior parte das formas de veículos de comunicação, sejam eles televisivos, digitais, impressos. Por veicularem fatos verídicos, têm-se o imaginário de que ela cumpre sua função de informar o leitor de forma imparcial. No livro *Teorias do jornalismo* (2005), Traquina aponta que valores tais como: verdade, o rigor, exatidão, honestidade, e noção de equidistância, consagrada com o conceito de objetividade, integravam os códigos deontológicos elaborados por jornalistas em diversos países a partir do século XX.

No sexto capítulo do livro, Traquina apresenta e discute as teorias do jornalismo, entre elas, a teoria do espelho, acima mencionada, na qual a noção-chave é a de que o jornalista deveria “*informar, procurar a verdade, contar o que aconteceu, doar a quem doar*” e agir sem interesse. (TRAQUINA, 2005, p.147). Nessa teoria, o fato de a notícia ter como referente a realidade conferia ao trabalho do jornalista a noção de legitimidade e credibilidade. Em meados da década de 50, surgiu a teoria de Gatekeeper com David Manning White, segundo a qual o processo de produção de uma notícia passaria por gates (“portões”), que definem se a notícia seria ou não publicada. Assim, ele conclui que esse processo é subjetivo e arbitrário; a crítica feita a essa teoria por Giber (1956), é a de que só foi considerada a função individual, ou seja, do jornalista, na produção da notícia, porém, essa se dá em uma organização, em um nível macro-sociológico. A partir dessas considerações é que surgiu a teoria organizacional, a qual abrange, além da teoria individual, a teoria organizacional da ação jornalística. Para Breed, os fatores que organizam a ação editorial são: a autoridade institucional e as sanções; os sentimentos de obrigação e de estima para com os superiores; as aspirações de mobilidade; a ausência de grupos de lealdade em conflito; o prazer da atividade; as notícias como valor. É essa cadeia organizacional, segundo o autor, que nortearia o trabalho do jornalista.

Nos anos sessenta, surgiram as teorias de ação política, que são marcadas pelo crescente interesse pela ideologia e pela relação entre jornalismo, sociedade e as implicações políticas e sociais da atividade jornalística, bem como o papel social das notícias. Já as teorias construcionistas surgem nos anos setenta com o paradigma da notícia como construção, pois seus pressupostos são de que as notícias ajudam a construir a realidade, de que a linguagem não é neutra, e ainda de que as representações e estruturas

das notícias obedecem as situações organizacionais. Isso não significa que as notícias não tenham relações com a realidade, mas que elas se apresentam de maneira convencional. Os jornalistas resistem a esse conceito, pois entendem que a notícia, compreendida não como relato mas como construção, afeta sua legitimidade profissional.

A teoria estruturalista tem herança marxista, ou seja, compreende que a mídia tem um papel na reprodução da ideologia dominante, porém, os autores consideram que essa teoria considera a “autonomia relativa” dos jornalistas. Eles defendem, ainda, que as notícias são um produto social que depende de diversos fatores. Segundo Traquina (2005, p. 180), “As notícias são o resultado de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)”. Nessa teoria, surge a questão de quais os critérios que determinam a noticiabilidade de um acontecimento? Traquina cita Molotch e Lester, os quais entendem que há certa intencionalidade em tornar certos acontecimentos em acontecimentos públicos.

Ressaltamos que, embora muito mencionado o gênero notícia, compreendemos que as reflexões levantadas nas teorias do jornalismo aplicam-se aos demais gêneros do discurso midiático, no que se refere ao papel da mídia como reprodutora de ideologia. Essa retrospectiva acerca das teorias jornalísticas nos ajudou a compreender como construiu-se um imaginário de reconhecimento aos grandes suportes jornalísticos, portanto, entendemos que esse imaginário resulta dos pressupostos de que o discurso jornalístico é pautado na verdade e na construção credibilidade, assim, o que veiculam tem um enorme impacto no interlocutor, justamente por ocupar esse lugar de fala, que é um lugar de prestígio. Segundo Steinberger-Elias (2005, *apud* WEBER, 2003, p.29)

De todos os segmentos da mídia, o jornalismo, pelo seu vínculo com o real e com a verdade, está, seguramente, entre aqueles que mais influência exerce sobre o imaginário de um grupo social, sendo, muitas vezes, apresentado como a —opinião pública. A linguagem jornalística leva nítida vantagem em relação às demais (diplomática, militar, acadêmica, etc.) porque tem um poder combinado de fazer multiplicar em grande escala e velocidade sua versão dos fatos e, ao mesmo tempo, criar uma versão legitimada socialmente com o selo de alta confiabilidade

Por outro lado, Weber (2013, p.30) aponta que “o poder do discurso jornalístico sobre a construção de imaginários é sempre limitado, pois, por um lado, ele compartilha do imaginário que difunde e, por outro, ele não pode controlar a interpretação que fará o público dos enunciados veiculados”. Conforme a AD vem nos mostrando, os sentidos são

sempre múltiplos, e cada enunciado é sempre atravessado por outros enunciados, sendo assim, é impossível controlar os efeitos de sentido.

Interpretamos que os imaginários acerca do discurso jornalístico são tramados pela construção e pelos atravessamentos discursivos que o circulam na história e na sociedade, traçando a estabilidade dos sentidos acerca desse discurso.

Vizeu (2003) aponta para a heterogeneidade do discurso jornalístico, para os múltiplos já ditos que o atravessam, mostrando que suas produções não se resumem a técnicas e regras. Coadunamos com Vizeu, pois sabemos que todo o discurso é produzido na sua relação com o intradiscurso, e se tratando de discurso, nessa relação entre intradiscurso e interdiscurso não é possível controlar os sentidos, e mesmo os mecanismos de antecipação, e os investimentos técnicos, não são capazes de controlar os sentidos, como veremos mais adiante.

Lopes (1990, *apud* VIZEU, 2005, p.10) aponta que os textos noticiados podem investir em diferentes características, e essas “escolhas” dependem da “intenção comunicativa, do repertório informativo, cultural e linguístico da audiência da flexibilidade das normas de redação de cada veículo”. Por isso, deparamo-nos com diversas maneiras de apresentação de notícias.

No campo da mídia, Giddens (1991, *apud* SANCHOTENE, 2009, p.250)

Ao afirmar que as mídias, com seus atos e “peritos”, constituem-se como um espaço que institui elos de confiança com os indivíduos, que necessitam de um trabalho mediador. Na sociedade midiaticizada, as mídias são convertidas em “sistema” que expande seu status e que organiza suas próprias operações, do que resulta a constituição de uma própria realidade.

Entendemos que esse trabalho mediador, feito pela mídia, vai além de uma ponte entre fato empírico e leitor, pois ela não é só responsável pela mediação de um conteúdo como é responsável pela (re)produção de opiniões, de FI e de imaginário.

A mídia acaba por modificar estruturalmente as articulações de instituições sociais, devido à sua interferência e aos seus próprios modos de operar, utilizando-se, na contemporaneidade, de estratégias distintas para publicizar os fatos dos demais campos. Os processos discursivos dos campos não midiáticos sofrem interferências na lógica dos seus funcionamentos para que garantam visibilidade na esfera pública. Para tanto, buscam legitimação a partir de disputas simbólicas com o campo das mídias. (SANCHOTENE, 2009.p.521)

Para compreendermos as formações imaginárias que emergem sobre o imigrante nos recortes de nosso *corpus*, e entendermos o lugar conferido à mídia na (re)produção de formações imaginárias sobre o imigrante, analisamos o lugar conferido ao discurso jornalístico, e o imaginário que se tem acerca desse, pois, entendemos que o que foi dito antes, em outro lugar, repercute na sociedade e produz sempre efeitos de sentidos.

3.3 NO DESLIZAR DO SENTIDO

Para compreender a (re)produção de formações imaginárias no discurso jornalístico, entendemos que é necessário aprofundar as noções de construção, e circulação dos discursos, pois, conforme vimos com Traquina (2005), as teorias da comunicação, responsáveis por construir o discurso e o seu trajeto, e os meios pelos quais o fazem, levam em consideração diversos aspectos da organização jornalística e social. Com Orlandi (2008), compreendemos que os veículos de propagação dos discursos nunca são neutros, pois, conforme a teoria da AD vem nos mostrando, a língua não é neutra, nem homogênea, nem há como controlar seus efeitos de sentido, e, ainda, ela é a materialidade do discurso, organizado por sujeitos e organizações (in)conscientes, de seu dizer. São esses funcionamentos discursivos que discutiremos neste subcapítulo.

A revista *Time* publica a sua capa e sua reportagem, da qual emergem diversos efeitos de sentido sobre a imigração, o que suscitou questionamentos sobre qual sujeito essa discursividade sobre a imigração (re)produz. Buscamos entender qual rede de sentidos ali presentes permite que essa capa (re)produza determinados efeitos de sentido, e em quais espaços esse discurso inscreve o sujeito imigrante.

O *corpus* de análise de nossa pesquisa é composto pela capa (Anexo A) e reportagem da revista americana *Time* (Anexo B), comercializada nos Estados Unidos da América, e editada também, na Europa, publicada em Londres, – edição que cobre o Oriente Médio, a África e a América Latina. Conta também com edição no Canadá e em Hong Kong, ademais, tem seu *website*²⁰ de notícias atualizado diariamente. Segundo a imprensa mundial, a *Time* atinge um enorme público mundialmente, cerca de vinte e seis milhões de pessoas.

A capa da Revista *Time*, publicada no mês de julho, de 2018, circulou os *websites* de notícias do mundo. No Brasil, a veja *online*, o jornal *El País*, o portal de notícias da rede Globo, entre outros *websites*, deram destaque a essa capa.

Tendo em vista que os discursos jornalísticos ocupam diversos espaços em nossa sociedade, desde a sala de estar de casa, até a sala de aula das escolas e universidades, é necessário um olhar para esse discurso. Neste capítulo, passaremos a discorrer a respeito do lugar que o discurso jornalístico ocupa em nossa sociedade.

20 Disponível em: <<https://time.com/>>. Acesso em: 03 ago. 2018>

Assim, o discurso jornalístico colabora para a manutenção de certos discursos em circulação, ou seja, trabalha, no inconsciente, de modo a deixar viva a memória discursiva e, com isso, contribui para a manutenção (ou reforço) das relações sociais jurídico-políticas. Veículo de informação, a imprensa de modo geral provoca nos leitores ou ouvintes efeitos de verdade, como se não houvesse recortes, escolhas, interesses em jogo, ilusão que sustenta o mito da informatividade para poder dizer/relatar o que interessa a alguns. Não podemos esquecer que a imprensa funciona construindo um modelo de compreensão dos sentidos, instituindo uma ordem, isto é, organizando e fazendo circular os sentidos que interessam a instâncias que o dominam. Declarando-se comprometida com a verdade dos fatos, a imprensa finge não contribuir para a construção das evidências, atuando no mecanismo ideológico de produção das aparências de obviedade. Constitui nosso imaginário a idéia de que, se a imprensa não é o mundo, ela está autorizada a falar sobre ele, a retratá-lo, torná-lo compreensível ao leitor. Daí os efeitos de verdade que acaba provocando em seus leitores. Camufla, assim, seu caráter ideológico pelo pretense compromisso com a verdade e, evidentemente, colabora para a construção do imaginário do leitor quando expõe ou sugere opiniões sobre o Brasil e os brasileiros, sobre outros países e os estrangeiros. (CORACINI, 2003, p.204)

Entendemos que o discurso jornalístico exerce o papel de (re)produzir notícias e informações, pois ele pode “escolher” (ainda que não de forma totalmente consciente) e veicular os acontecimentos de acordo com sua intencionalidade.

Em se tratando do discurso jornalístico, uma reportagem ou uma notícia veiculada em um blog de notícias, criado por um cidadão comum, produzirá determinado efeito de sentido no leitor que se difere do efeito de sentido dessas publicações veiculadas em um portal de notícias amplamente conhecido e respeitado no meio jornalístico, ou seja, certamente, o efeito de sentido será outro.

De novo, no início de novo milênio, as inovações tecnológicas, em particular a rede transglobal de computadores interligados conhecido por *internet*, marcam as práticas jornalísticas, acelerando ainda mais, a velocidade dos processos de produção de notícias, correndo as barreiras do tempo e do espaço, globalizando as notícias e as audiências, criando novos canais de acessos aos membros da comunidade profissional (Mc Nair 1998).

Se ninguém controla o jornalismo nas sociedades democráticas, as novas capacidades que a internet oferece aos jornalistas e ao público na obtenção de dados e de acesso a informação, a proliferação de canais e a explosão de locais de comunicação e de informação, nomeadamente os milhares de sites nos ciberespaço, as novas oportunidades de acesso aos jornalistas para as *voces alternativas* da sociedade, são fatores que apontam para a debilitação do controle político do jornalismo e para a existência de um campo jornalístico que é cada vez mais uma *arena* de disputa entre todos os membros da sociedade. (TRAQUINA, 2005, p. 2010)

Com o surgimento das novas tecnologias, surgiu um novo meio de (re)produzir e veicular reportagens e notícias, o meio digital. O sujeito que ocupa esse espaço vem transformando e questionando a crença de mídia imparcial, pois ele tem a possibilidade de veicular o seu gesto interpretativo perante os fatos empíricos.

Consideramos o discurso jornalístico como uma das principais fontes de informação dos cidadãos, nelas são veiculadas informações de diferentes magnitudes que respondem a diferentes interesses políticos e sociais, a qual fala a um espectador muitas vezes crente na legitimidade de tal informação.

A matéria jornalística é basicamente a narrativa de acontecimentos contemporâneos à sua enunciação. Ou seja, a matéria jornalística é a notícia [...] antes de tudo a notícia jornalística é a enunciação de um acontecimento (fato) contemporâneo a sua enunciação (enquanto acontecimento de linguagem) e os acontecimentos que ela enuncia. Aqui cabe perguntar: o que é acontecimento para o jornal? (GUIMARÃES, 2001, p.13)

Guimarães segue sua reflexão acerca do que se torna notícia, e, na sua opinião, não podemos pensar que algo torna-se uma notícia porque é/foi um acontecimento empírico, pois, sabemos que nem todos os acontecimentos empíricos tornam-se notícia, e passam a ter algum espaço na mídia. Alguns acontecimentos empíricos ocupam a primeira página, outros ocupam apenas pequenos espaços enquanto há os que sequer são noticiados. Remetemos essa mesma discussão refletindo sobre o que se torna reportagem, tendo em vista a multiplicidade de temas que podem ser abordados, o que faz com que um tema seja passível de pesquisa, e publicação. Para Guimarães:

O acontecimento, enquanto acontecimento para a mídia, diz respeito a uma relação da mídia, a partir de uma posição da qual ela enuncia, com os eventos do mundo social e político. [...] O acontecimento para o jornal, aquilo que é enunciável como notícia, não se dá por si, como evidência, mas é construído pela própria prática do discurso jornalístico. Enunciar na mídia inclui uma memória de mídia pela mídia. Valendo-me dos conceitos formulados pela análise de discurso, posso dizer que enunciar na mídia é enunciar segundo a interdiscursividade que determina as formulações da mídia, por mais que os jornalistas possam ainda afirmar que eles se pautam pela objetividade dos acontecimentos (*ibidem*, p.14-15)

Quando Guimarães (2001) diz valer-se dos conceitos da AD, ele refere-se a alguns pressupostos teóricos da AD, os quais farão parte da nossa análise. Para refletir sobre o gesto interpretativo da AD apontado por Guimarães, partiremos da sequência “enunciar segundo a interdiscursividade que determina as formulações da mídia”, para compreender o interdiscurso. Orlandi (2009, p.31) define o interdiscurso como:

[...] aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito o que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito se significa em uma situação discursiva dada.

Pensando no discurso do nosso *corpus*, todos os já-ditos sobre imigrantes, imigração legal/ilegal e políticas de imigração, podemos afirmar que esses discursos são

todos convocados no discurso do *corpus*, e produzem efeitos de sentido no interlocutor: “O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia” (ORLANDI, 2009, p.32). A produção da reportagem que compõe o *corpus* se dá no nível intradiscursivo, e ela só faz sentido porque nela ressoam já-ditos, que são saberes que se constituíram ao longo da história, mas foram afetados pelo esquecimento, tornando possível essa constituição discursiva.

O discurso só faz sentido devido aos já-ditos que o atravessam e a sua relação com as CP, demonstrando que o sujeito não é origem do seu dizer, que o discurso que ele formula (intradiscurso) não é inédito, mas provém do interdiscurso. Ainda segundo Orlandi há uma relação intrínseca

[...] entre o já-dito e o que se está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação [...] Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos [...] (*Ibidem*, p.33)

Sabemos que a produção de uma reportagem passa por diferentes sujeitos, que fazem “escolhas” lexicais e/ou imagéticas, que não são totalmente conscientes e controladas, são escolhas políticas e sujeitas às políticas de circulação, e como todo discurso, afetado pela ideologia e atravessado pela memória discursiva e pelo esquecimento, definido por Pêcheux (2014, p. 161-162) como:

Concordamos em chamar *esquecimento n°2* ao “esquecimento” pelo qual todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas, e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase [...] Por outro lado, apelamos para a noção de “sistema inconsciente” para caracterizar um outro “esquecimento” o *esquecimento n°1*, que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina.

O processo de produção de uma reportagem tem determinados critérios, vinculados aos valores e interesses daquela revista, e esses processos não são totalmente conscientes, ou controlados pelos sujeitos, pois os sujeitos que produzem esses discursos são afetados pela ideologia, e pelo esquecimento n°.1. A ideologia afeta a produção dos sentidos de maneira que eles não se constituem de forma linear. “É por meio dos dizeres já ditos, das imagens já vistas, dos discursos em circulação que a formulação faz sentido para o sujeito, por isso dizer que a língua ou os sentidos são históricos”. (FERNANDES, 2017, p. 58). Analisaremos a capa da revista (Anexo A), para entender quais são os efeitos de sentidos preexistentes que ela retoma.

Algumas escolhas lexicais presentes na reportagem, que serão analisadas no próximo capítulo, levam-nos a problematizar até que ponto essa reportagem atende aos preceitos do discurso jornalístico de imparcialidade e busca pela verdade.

Sem dúvida, está cada vez mais em evidência esse aspecto do entrelaçamento entre os eventos políticos e a notícia: a imprensa tanto pode lançar direções de sentidos a partir do relato de determinado fato como pode perceber tendências de opinião ainda tênues e dar-lhes visibilidade, tomando-as eventos-notícias. (MARIANI, 1996, p.62)

A produção do discurso jornalístico, que ocorre através de articulações da linguagem, busca direcionar determinados sentidos. Como já mencionado, os sentidos não são homogêneos e nem passíveis de ser controlados, mas eles são passíveis de antecipação, o que gera uma condução para determinado sentido.

É dessa forma que entendemos a reportagem do nosso *corpus* (Anexo B), já que ela traz apenas um ponto de vista acerca da imigração em massa vivida pelo EUA nos últimos anos. Como mencionado no segundo capítulo, houve um aumento significativo de imigrantes para os EUA nos últimos sete anos, o que implica em inúmeros desafios, desde o controle da entrada de imigrantes até os desafios econômicos, sociais e políticos que essa demanda ocasiona.

Os números expressivos, apontado pelos relatórios, de imigrantes ilegais que tentam entrar no país não é mencionado na reportagem, e esse é um dos fatores que levam o Estado a adotar medidas que façam com que esses dados diminuam. A lei de tolerância zero implementada pelo presidente Donald Trump foi uma medida para tentar impedir que esse contingente de pessoas continuasse entrando no país.

Em seus estudos, Mariani (1996) aponta que a mídia aborda as notícias de forma a conduzir os sentidos do discurso.

Nos dias de hoje, não se nega mais a atuação da mídia, em geral, e também da imprensa, mais especificamente, nas situações em que ocorre a tomada de decisões políticas. A própria mídia tem reconhecido esta questão e dedicado vários artigos para discuti-la do ponto de vista ético. Se, antes, a imprensa só posicionava-se como um veículo neutro e imparcial, hoje, ainda que timidamente, ela assume seu lado interpretativo, e o fato de que cada jornal acaba tomando uma direção política prioritária. Sem dúvida, está cada vez mais em evidência esse aspecto do entrelaçamento entre os eventos políticos e a notícia: a imprensa tanto pode lançar direções de sentidos a partir do relato de determinado fato como pode perceber tendências de opinião ainda tênues e dar-lhes visibilidade, tomando-as eventos-notícias. (Idem, p. 62, grifo nosso)

A autora salienta, ainda, que o discurso jornalístico é um discurso *sobre*, sendo assim, atua na homogeneização dos sentidos, ou seja, é próprio do discurso jornalístico uma condução dos sentidos na direção de institucionalizá-los, e isso ocorre, pois a

linguagem desse discurso é considerada mais higiênica, “Fazendo crer que apresenta os fatos tais como são, com uma linguagem isenta de subjetividades” (Idem, p. 65). A autora aponta ainda: “E com isto estamos afirmando, em decorrência, que o discurso jornalístico contribui na constituição do imaginário social e na cristalização da memória do passado bem como na construção da memória do futuro” (Idem, p.64). É sobre esses funcionamentos do discurso que trataremos no próximo capítulo.

Para compreendermos as formações imaginárias (re)produzidas no *corpus* da pesquisa, foi necessário estudar a relação entre discurso e o funcionamento dos meios de comunicação. Com as teorias da comunicação, entendemos que os teóricos da área compreendem que seu papel vai além de veicular a notícia, e que a subjetividade perpassa desde a sua “escolha”, até o modo de apresentar, os fatores que a circundam, a relevância segundo os critérios dos editores, a necessidade de produção de notícias diárias, entre outros.

Com Orlandi (2012), compreendemos que o lugar de fala do sujeito no discurso define o sentido do seu dizer, pois “são as relações de força, sustentadas no poder, desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’” (ORLANDI, 2012, p.40). Sendo assim, compreendemos que o lugar de fala do discurso jornalístico não apenas comunica, mas interpreta, (re)produz sentidos e formações imaginárias, como veremos no capítulo seguinte.

4. OS EFEITOS DO JÁ-DITO NAS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS E DISCURSIVAS

Compreendemos com a Análise de Discurso que o lugar do qual o sujeito fala determina as relações de força representadas pelas posições hierárquicas do sujeito no discurso as quais, se estabelecem nas formações imaginárias, Conforme Orlandi (2012, p.40), “não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções”.

Neste capítulo e nos seus subitens, analisaremos o funcionamento das relações de força do discurso do *corpus* da pesquisa a fim de entender as imagens que resultam dessas projeções. Essa análise nos leva, inevitavelmente, a outros conceitos da AD interligados ao conceito de FI, os quais serão abordados aqui a fim de atingir nosso objetivo.

Para a Análise de Discurso de vertente francesa, a ideologia interpela o indivíduo em sujeito, constituindo, através de seus efeitos de evidência, a necessária ilusão ao sujeito de que ele é fonte do seu dizer, assim:

O sujeito se submete a língua mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar-se. E o faz em um gesto, um movimento sócio-historicamente situado, em que se reflete sua interpelação pela ideologia. A ordem da língua e a da história, em sua articulação e seu funcionamento, constituem a ordem do discurso. (ORLANDI, 2007, p.12)

A ideologia e o sujeito historicamente constituído (re)produzem, na língua/linguagem, evidências de que os sentidos das palavras são unívocos e homogêneos, estabilizando um efeito de transparência da linguagem. Veremos, neste capítulo, que o sujeito não é a fonte de seu dizer nem o sentido das palavras são literais e dos discursos são homogêneos, mas, sim, heterogêneos. Segundo a AD, o que determina a posição do sujeito no discurso são as relações de força e os sentidos das Formações Discursivas nas quais o discurso está inserido. Sendo assim, não há sentido evidente em uma palavra; o sentido de uma palavra pode mudar de acordo com a FD na qual está inscrita, conforme exposto por Pêcheux:

Uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente “evidentes” – conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva, é porque – vamos repetir- uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem **um** sentido que lhe seria “próprio”, vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da

mesma formação discursiva. De modo correlato, se admite que as mesmas palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a uma outra [...] (PÊCHEUX, 2014, p. 148-149, grifo do autor)

Dessa forma, as palavras têm seus sentidos determinados pela relação que estabelecem entre si, pela sua relação com a memória discursiva. Portanto, o sentido não é único nem mesmo evidente, já que uma palavra pode assumir diversos sentidos dependendo da sua relação com a memória discursiva e com a história das CP nas quais forem enunciadas, e também das Formações Imaginárias e discursivas do enunciador e do enunciatário. Nesse sentido, Orlandi (1999, p.46) nos diz que:

A evidência do sentido – a que faz com que uma palavra designe uma coisa – apaga o seu caráter material, isto é, faz ver como transparente aquilo que se constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas que funcionam com uma dominante. As palavras recebem seus sentidos de formações discursivas em suas relações. Este é o efeito da determinação do interdiscurso (da memória). (ORLANDI, 1999, p.46)

Na teoria do discurso, considera-se o funcionamento da ilusão das evidências subjetivas e dos sentidos para a compreensão dos efeitos de sentido do discurso. Sendo assim, tendo em vista nossos objetivos, e, considerando a ilusão das evidências ocasionadas pelo assujeitamento, mobilizaremos alguns conceitos da AD, são eles: Memória Discursiva, pois, entendemos que através dela remetemos o discurso a uma filiação de dizeres ideológicos, e atribuímos este ou aquele sentido ao discurso; Formação Discursiva, como, sendo “o lugar da constituição do sentido” (PÊCHEUX, 2014, p.162), e Formações Imaginárias, entendidas como mecanismo de projeção de posições subjetivas que estabelecem relações entre as situações e as posições. (PÊCHEUX, 2014)

Neste capítulo e nos seus subitens, esses conceitos embasarão nosso gesto interpretativo, sendo a partir deles que buscaremos compreender os efeitos de sentido do discurso jornalístico e das relações entre as posições sujeito e as filiações discursivas.

4.1 FUNCIONAMENTOS E EFEITOS DA LINGUAGEM VERBAL E NÃO-VERBAL

Como mencionado, nosso *corpus* de análise é composto por linguagem verbal e não-verbal e entender o funcionamento dessas linguagens pela perspectiva da AD é um de nossos objetivos, já que a “A AD não trabalha só com as formas abstratas, mas com as formas materiais da linguagem. Todo processo de produção de sentidos se constitui em uma materialidade que lhe é própria” (idem, p.36).

Em seu texto “Efeitos do verbal sobre o não-verbal”, Orlandi (1995) faz importantes apontamentos teóricos para a análise dessas linguagens. Segundo a autora, foram seus estudos sobre o silêncio no quadro teórico da AD que permitiram compreender a diferença entre o verbal e o não-verbal.

Quando, na reflexão sobre o silêncio, afirmei a diferença entre matéria significante dele e a da linguagem verbal, e alertei para o fato de que não se traduz o sentido do silêncio em palavras sem modificá-lo, não estava, como disse, fazendo elogio do inefável. Não é que há sentidos que não se possam significar. Há, sim, uma necessidade do sentido que só significa pelo silêncio, e não por palavras. Pois bem, há uma necessidade no sentido, em sua materialidade, que só significa por exemplo na música, ou na pintura. Não é se é pintor, músico, literato, indiferentemente. São as diferentes relações com os sentidos que se instalam. São diferentes posições do sujeito, são diferentes sentidos que se produzem. (ORLANDI, 1995, p.39)

A partir dessas considerações de Orlandi, de que as diferentes materialidades do discurso instalam diferentes relações com os sentidos, cada linguagem tem a sua forma de significar, de produzir sentido; uma imagem, uma fotografia, uma montagem, todos são uma materialidade da linguagem, que significam a partir de suas particularidades, a partir do momento que são enunciadas e tornam-se discurso: “[...] diferentes filiações de sentidos remetendo-os à memória e a circunstâncias que mostram que os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade nas condições em que eles são produzidos [...]”. (ORLANDI, 2009, p.30).

Os estudos da AD vêm contribuindo para compreender os efeitos de sentido de uma linguagem, demonstrando que é fundamental que as especificidades de cada linguagem sejam estudadas em seu próprio funcionamento.

A palavra fala da imagem, a descreve e traduz, mas jamais revela a sua matéria visual. Por isso mesmo, uma "imagem não vale mil palavras, ou outro número qualquer". A palavra não pode ser a moeda de troca das imagens (Davidson, 1984). É a visualidade que permite a existência, a forma material da imagem e não a sua co-relação com o verbal. A não co-relação com o verbal, porém, não descarta o fato de que a imagem pode ser lida. Propriedades como a representatividade, garantida pela referencialidade, sustentam, por um lado, a possibilidade de leitura da imagem e, por outro, reafirmam o seu status de linguagem. Não porque, dadas essas propriedades, a se diga que a imagem também informa, comunica, e sim porque - em sua especificidade - ela se constitui em texto, em discurso. (SOUZA, 1998, p.3)

Estamos diante, portanto, de uma pluralidade de discursos, que mobilizam, para a sua constituição, diferentes recursos os quais significam de diferentes maneiras, mas ambos (re)produzem efeitos de sentidos. Souza (1998) aponta ainda que “[...] falar dos modos de significação implica falar também do trabalho de interpretação da imagem, procurando entender tanto como ela se constitui em discurso, quanto como ela vem sendo

utilizada para sustentar discursos produzidos com textos verbais.” (SOUZA, 1998, p.4). Para isso, devem ser consideradas as relações com o social, o histórico e o cultural. Em uma análise discursiva de imagem, a materialidade social, histórica e ideológica que a constitui deve ser sempre considerada, pois ela traça o percurso para o possível de ser interpretável.

Considerando os pressupostos teóricos da AD, entendemos que o processo de formulação da capa (Anexo A) da revista é uma construção porque é o ponto de vista de um sujeito sócio historicamente situado, (não totalmente consciente). A imagem que vemos no Anexo A é a montagem de duas imagens, uma delas é a do presidente Donald Trump, que enquanto figura pública tem diversas imagens dele circulando em diferentes espaços, internet, revistas, jornais, telejornais, etc. A outra imagem é um recorte da fotografia (Anexo D) tirada pelo fotógrafo John Moore na fronteira dos EUA com o México, no dia 12 de junho de 2017²¹, que ganhou a 62ª edição do prêmio *World Press Photo* de “a foto do ano”, e tornou-se um símbolo da política de tolerância zero adotada pelos EUA com relação aos imigrantes ilegais. Em termos de discurso, ainda que seja uma fotografia – que supõe ser uma imagem do real -, também ela é uma perspectiva, a construção de um sujeito, o olhar dele em particular sobre os fatos do mundo.

Entendemos que, no processo de construção de uma capa de revista de grande circulação, existe um esforço por parte dos sujeitos na intenção de avaliar uma antecipação dos efeitos do seu discurso. Sabemos que por maior que seja esse esforço, é impossível garantir a homogeneidade nas interpretações, e, ainda, os efeitos ideológicos que escapam ao controle dos sujeitos, e que estão embutidos no processo de produção da capa e nos gestos interpretativos.

Pensando na capa enquanto processo discursivo, entendemos que é um discurso que, assim como o verbal, é atravessado pelo efeito do ideológico e produz efeitos de sentido. Mesmo se tratando de linguagens diferentes, o efeito do ideológico é o mesmo, só que agora sobre outro signo, assim, o que causa efeitos de sentido são as cores, as imagens, a disposição dos corpos nessas CP e os pré-construídos que perpassam esse discurso.

Tratando da estrutura e do acontecimento, do Discurso... Neste sentido, a estrutura importa (se é verbal, não verbal, linear ou não linear, etc.), mas não é fator determinante. Pois o que determina os efeitos de sentido é o

²¹ <https://veja.abril.com.br/mundo/foto-de-crianca-aos-prantos-na-fronteira-dos-eua-ganha-premio/>

discursivo, ou seja, estrutura e acontecimento, associados. (SOUZA,1998, p.6)

As novas tecnologias audiovisuais promoveram mudanças no modo de apresentar uma notícia; elas exploram diferentes recursos para colocar em circulação um discurso e, dessa forma, produzem diversos efeitos de sentido. Exemplo disso é a capa da revista, sobre a qual sabemos que é uma montagem e que o presidente Donald Trump nunca esteve em frente daquela criança.

A capa em si foi formulada utilizando recursos tecnológicos, pois foi feita uma montagem, da foto tirada da criança e da mãe abordadas na fronteira dos EUA com o México com uma foto do presidente Donald Trump, a qual não sabemos de onde foi retirada já que este é uma autoridade e tem sua imagem circulando diariamente em fotos.

Essas transformações tecnológicas levaram a produção das capas a outro nível, permitindo a criação de imagens que não ocorreram na realidade empírica, promovendo novas discursividades, o que nos leva a refletir sobre a produção do discurso jornalístico, que se coloca como comprometido com a veracidade, mas utiliza estratégias tecnológicas para criar imagens que não existiram na realidade empírica.

Essa nova era tecnológica na qual vivemos nos condiciona a novos tipos de relações sociais e a disseminação da informação nos meios audiovisuais tem um lugar privilegiado. Os avanços tecnológicos permitiram jogar com a linguagem não-verbal e foram fundamentais por ampliar drasticamente o alcance de notícias e/ou reportagens. Examinar a da capa (Anexo A) sob a perspectiva da AD, significa compreendê-la como discurso. O efeito de sentido dessa capa representa o encontro do imigrante ilegal com o Estado, com a Lei, e esse sentido só é compreensível devido as CP que a circundam e todos os já-ditos acerca dos imigrantes ilegais e do governo do presidente Donald Trump, que por ser um representante do partido Republicano tem adotado medidas que condizem com a linha de pensamento do partido, que é mais conservador e defende a adoção de medidas mais rígidas com relação à imigração ilegal no país.

Consideremos a hipótese de que, a um estado das condições de produção, corresponde uma estrutura definida dos processos de produção do discurso a partir da língua, o que significa que, se o estado das condições é fixado, o conjunto dos discursos suscetíveis de serem engendrados nessas condições manifesta invariantes semântico-retóricas estáveis no conjunto considerado e que são características do processo de produção colocado em jogo. Isto supõe que *é impossível analisar um discurso como um texto*, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas é necessário referi-lo ao *conjunto de discursos possíveis* a partir de um estado definido das condições de produção. (PÊCHEUX, 2014, p.78)

Considerando os pressupostos teóricos de Pêcheux, tomamos o discurso sobre os imigrantes que compõe nosso *corpus* de pesquisa por objeto de estudo. Isso foi feito com o propósito de analisar efeitos do interdiscurso no intradiscurso, os quais nos apontam para formações imaginárias sobre o imigrante na contemporaneidade. Esse gesto interpretativo nos possibilita considerarmos a situação sócio-histórica-ideológica em torno da (re)produção do discurso, a fim de compreendermos os sentidos dados como evidentes e as FI que ele (re)produz sobre os imigrantes.

A capa foi publicada em 02 de julho de 2018, e a política de tolerância zero a imigrantes ilegais ficou vigente do mês de abril até o final do mês de julho de 2018. A capa evoca uma memória, o fundo vermelho, a imagem do presidente dos EUA com o terno azul, gravata branca e azul, que são as cores da bandeira dos EUA, juntamente com o enunciado *Welcome to America*, que representam o governo agindo em nome da nação; a cor vermelha é também a cor do partido republicano, partido do Presidente. O enunciado escrito no fundo vermelho faz ressoar as ideias conservadoras de direita defendidas pelo atual governo dos EUA, em conformidade com os preceitos republicanos, que defendem os direitos, responsabilidades e liberdades individuais. Compreendemos que em outras sociedades o vermelho não é associado à direita, portanto, podemos entender que por ser uma cor quente, que chama mais atenção, pode representar força. A imagem da criança chorando, que é uma imigrante ilegal que está sob os cuidados da mãe, e ambas estão tentando atravessar a fronteira do México com os EUA, destoa dos ideais conservadores, defendidos pelo governo do presidente Donald Trump. A criança chorando representa ainda a fragilidade desses imigrantes ilegais perante os ideais conservadores, revelando o quanto suscetíveis eles estão ao serem submetidos à força da política de tolerância zero a imigrantes ilegais. Enquanto a imagem do presidente representa que ação dele é amparada pelos seus ideais políticos e pelo poder do Estado, não há nada que represente o amparo aos imigrantes ilegais.

Seguindo nosso arcabouço teórico analítico da AD de vertente francesa, compreendemos que são as relações das posições do sujeito nesse discurso que estão produzindo sentidos, uma vez que o discurso da capa representa as relações de força sustentadas pelas diferentes posições hierárquicas.

A relação do efeito de evidência do sujeito e do sentido com as formações imaginárias (FI) (re)produzidas é que sustentam as diferentes posições hierárquicas. Além disso, as condições de produção do discurso e a projeção de imagem que o sujeito, interpelado pela ideologia que (re)produz a evidência do sujeito como causa ou origem

de si, sendo assim, pensa ser a fonte de seu dizer, faz de si e do outro, também são responsáveis pela (re)produção das FI.

Na capa da revista (Anexo A), temos o seguinte enunciado: *Welcome to America*²². Segundo Pêcheux (2014), o sentido da palavra, enunciado ou proposição, está vinculado à FD na qual o enunciado se inscreve. Se pensarmos no sentido estabilizado da palavra *welcome*, somos levados a um sentido relacionado à ordem da receptividade positiva, e se recorrermos aos dicionários de língua inglesa, encontraremos diversos exemplos de uso dessa palavra, todos eles relacionados à ordem da receptividade, do acolhimento. Fizemos uma busca no dicionário *online Linguee*²³, e são muitos os exemplos de uso da palavra em diferentes contextos. Encontramos como uso mais frequente desta palavra o sentido de: boas-vindas, acolhimento, com dois exemplos: O diretor deu calorosas boas-vindas aos alunos; Tive um acolhimento agradável ao voltar para a minha terra natal²⁴. Conforme vimos nos exemplos, a palavra *welcome* tem seu sentido literal vinculado à ordem da receptividade, mas sabemos que o sentido literal ou unívoco não existe, o que temos são efeitos de sentido.

A Análise de Discurso trata do sentido literal como aquele que produz efeito de evidência, de homogeneidade do sentido, assim como a ideologia dissimula em seu interior o modo como ocorre o deslocamento que interpela o indivíduo em sujeito. A língua se relaciona com os efeitos de evidência que produz, que tornam os sentidos aparentemente unívocos, porém, “[...] no uno há a presença de outro(s) sentido(s), o que significa dizer que a unicidade do dizer, assim como a unicidade do sujeito do dizer, é da ordem do imaginário e, portanto, um efeito” (AGUSTINI, 2005, p.2)

A capa (anexo A) é uma montagem, é uma construção de um enunciado verbal e um não-verbal, e a associação dessas duas linguagens e as Condições de Produção desse discurso remetem *welcome* a outro efeito de sentido, que, como veremos mais adiante, se reafirma na reportagem. A imagem do sujeito presidente Donald Trump, que está com a cabeça levemente curvada para baixo, e aparenta um sinal de cumprimento, que é uma conduta vinculada à receptividade. Retomando esse sentido da palavra *welcome*, entendemos, porém, que essa imagem do sujeito presidente frente à imagem do sujeito criança chorando, e as CP em torno dessa capa, que remete à política adotada pelo

²² Bem-Vindo a América. (Tradução Nossa)

²³ Disponível em: <<https://www.linguee.com/portugues-ingles/search?source=ingles&query=Welcome>> Acesso em: 29 Jan 2019.

²⁴ I had a nice welcome when I returned to my hometown.

governo com relação à imigração ilegal conhecida como política de tolerância zero, não vincula a palavra *welcome* ao sentido da receptividade, do acolhimento.

“E Canguilhem deixa entender que se o homem é assim capaz de jogar sobre o sentido, é porque, por essência, a própria língua encobre esse “jogo”, quer dizer, esse impulso metafórico interno da discursividade, pelo qual a língua se inscreve na história.” (PÊCHEUX, 1997 p.62.), é o jogo da língua que é capaz de simular o efeito de sentido único, mas o que Pêcheux nos mostra é que os sentidos não são únicos, não são fixos. Os estudos da AD demonstram como podemos perceber esse jogo da língua, o deslocamento de sentido das palavras, e compreender que não há sentido literal, não há sentido único, mas, sim, múltiplos sentidos.

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe em si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante) mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual palavras, expressões e proposições são produzidas. (Idem, p.146)

A língua, com toda a sua porosidade, permite que as palavras quando se transformam em discurso alterem o seu curso aparentemente linear, e adquiram novos sentidos. O sentido “literal” da palavra *welcome*, ou seja, o sentido historicamente evidenciado dessa palavra é vinculado a situações de acolhimento. A evidência do sentido logicamente estabilizado é fruto do funcionamento da ideologia, que pressupõe homogeneidade e estabilidade. Atravessado pelo discurso outro, e pela heterogeneidade fundante do discurso, o sentido de *welcome* se desloca e assume o estatuto de interdição.

A materialidade discursiva desse enunciado não tem forma enunciativa de um gesto acolhedor em razão de toda a historicidade que circunscreve esse discurso, na tensão que se estabelece entre os sujeitos e a situação em questão. A palavra *Welcome*, colocada juntamente com a imagem de uma criança chorando em frente ao presidente dos EUA, publicada em meio às CP acima mencionadas desestabiliza o sentido de acolhimento e o desloca para um sentido oposto. Conforme Pêcheux (2015, p.53), “todo o enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido, para derivar para um outro”.

Compreendemos com a AD que os discursos têm seus sentidos determinados pela formação discursiva à qual pertencem. Conforme Orlandi (2010, p. 62), “A definição de formação discursiva diz que ela delimita aquilo que pode e deve ser dito por um sujeito em uma posição discursiva, em um momento dado, em uma conjuntura dada” (HAROCHE, HENRY, PÊCHEUX, 1975). A FD garante a existência do sentido do

discurso conferindo a ele a aparência de homogêneo e unívoco. O sentido estabilizado de *welcome* é social ou familiar, já os sentidos que se constroem no campo jornalístico se deslocam para o oposto. Esses deslocamentos de sentidos ocorrem porque figura nesse gênero específico, ou seja, as especificidades do gênero em que o discurso em análise se encontra contribuem para esse novo colorir da expressão.

Esse discurso mostra como os sentidos de acolhimento e de receptividade são deslocados, e como novos sentidos são instituídos pelas ações do Estado, do poder, do jurídico, do político; assim, *welcome* passa a ter um novo sentido: barrar, intervir, separar.

Podemos compreender esse deslocamento de sentido devido à relação do intradiscurso com a memória discursiva:

[...] memória como a estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os "implícitos" (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 1999, p.52)

Segundo Pêcheux (1999), a regularidade que instituiu um sentido pode deslocar os implícitos e ocasionar uma nova regularidade, sendo assim, percebemos que a língua não tem nada de homogênea; os sentidos se deslocam em decorrência do funcionamento das CP do discurso, da memória discursiva e das FD nas quais estão inseridos. Embora só possamos compreender o sentido estabilizado para a palavra *welcome*, como o de acolhimento, por causa da relação do intradiscurso com a memória discursiva, ou seja, por meio dos já-ditos, dos pré-construídos e dos discursos transversos que atravessam esse discurso, é também através dessa relação, intradiscurso, memória discursiva, CP e FD que podemos compreender o sentido outro, que podemos perceber um deslocamento de sentido.

Os efeitos de sentidos provenientes do discurso da revista, capa e reportagem, mostraram a heterogeneidade discursiva que (re)produz FI a respeito de um assunto considerado um problema social: os imigrantes ilegais.

Tais reflexões permitem-nos entender que, através da relação do intradiscurso e do interdiscurso, o discurso da capa constrói, por meio do interdiscurso, um muro entre os imigrantes e o presidente, edificado pelo entrecruzamento das políticas anti-imigração do país que separam sujeitos imigrantes dos sujeitos americanos.

Isso posto, entendemos que em todo discurso ressoam já-ditos, e são os já-ditos que ressoam nesta capa, e o funcionamento da ideologia dominante, que nos levam a este

gesto interpretativo. O enunciado *welcome to America*, nesta capa, com a imagem do presidente Donald Trump (que implementou a política de tolerância zero aos imigrantes ilegais), e a criança imigrante chorando, recebe outro sentido, que não mais o de acolhimento, dissipando, assim, a evidência do sentido e emergindo um presidente, um Estado, que não acolhe os imigrantes, mas que separa, que constrói muro entre os sujeitos imigrantes e os americanos.

A heterogeneidade contraditória do discurso ocorre devido à rede de filiações histórico-ideológicas presentes no interdiscurso, que deixam qualquer dizer suscetível ao equívoco constitutivo da língua, permitindo-o a se tornar outro.

Desse modo, entendemos que o efeito de sentido de *Welcome to America*, enunciado nessas CP, de políticas jurídicas que impediam a entrada de imigrantes ilegais e tiveram como consequência a separação de famílias, desloca o seu sentido de acolhimento, por ter sido empregado nessas CP, e devido ao funcionamento da memória discursiva.

4.2 EFEITO DAS POSIÇÕES SUJEITO NO DISCURSO

Segundo Pêcheux (2014, p.82), “[...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que *A* e *B* atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. No processo discursivo, o sujeito remete seu discurso a um destinatário que ele supõe estar em determinado lugar social, o qual é representado no discurso pelas formações imaginárias que os sujeitos do discurso se atribuem e atribuem aos outros, estabelecendo uma imagem do lugar social que supõe ocupar e do lugar social que supõe que o outro ocupa.

Esse jogo das posições sujeito que constituem as formações imaginárias é resultado do funcionamento da ideologia, que interpela o indivíduo em sujeito causando o efeito de evidência do sujeito como causa de si: “[...] a evidência da identidade oculta que esta resulta de uma identificação-interpelação do sujeito, cuja origem estranha é, contudo, “estranhamente familiar”. (PÊCHEUX, 2014, p.142) Faz parte do funcionamento ideológico dissimular em seu funcionamento o efeito de evidência, seja

de sentidos ou sujeitos, causando esse efeito *Unheimliche*²⁵. Esse efeito de que algo é estranho mas ao mesmo tempo familiar é causado porque os processos discursivos em que as representações imaginárias ocorrem são sempre atravessadas pelos já-ditos: “[...] supomos que a percepção é sempre atravessada pelo ‘já-dito’ e o ‘já-ouvido’, através dos quais se constitui a substância das formações imaginárias enunciadas” [Idem, p.85].

Assim, o efeito de evidência, de sentido e dos sujeitos e a relação interdiscursiva e intradiscursiva compõem o jogo das formações imaginárias e continuam a (re)produzir evidências de sujeitos e sentidos. Pêcheux chama nossa atenção para o fato de que a evidência do sujeito como causa de si é subjetiva ‘devendo entender-se esse último adjetivo não como “que afetam o sujeito”, mas “nas quais se constitui o sujeito”’ (p.139), e, através do apagamento necessário, do processo de assujeitamento, o sujeito irrompe como causa de si:

E é, de fato, a existência dessa contradição (produzir como *resultado* uma *causa de si*), e seu papel motor em relação ao processo do significante na interpelação-identificação, que nos autorizam a dizer que se trata realmente de um processo, na medida em que os “objetos” que nele se manifestam se desdobram, se dividem, para atuar sobre si enquanto outro de si. (Idem, p.143)

É ainda sob a evidência da causa de si que ocorrem no interior dos processos discursivos as formações imaginárias, de modo que o sujeito interpelado pela ideologia constitui o seu discurso a partir da *evidência* da sua posição e da posição para quem fala. É a partir dessas considerações que Pêcheux (2010) elabora um quadro que representa o funcionamento das Formações Imaginárias:

| Expressão que designa as Formações Imaginárias | Significação da Expressão | Questão Implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente. |
|--|---|--|
| I _A (A) | Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A | “Quem sou eu para lhe falar assim?” |
| I _A (B) | Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A | “Quem é ele para que eu lhe fale assim?” |

²⁵ FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)*. Além do princípio do prazer e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

| | | |
|--------------------|---|---|
| I _B (B) | Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B | “Quem sou eu para que ele me fale assim?” |
| I _B (A) | Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B | “Quem é ele para que me fale assim?” |

(PECHÊUX, 2010, p.82)

As formações imaginárias funcionam através do mecanismo da antecipação e, dessa forma, relacionam posições imaginárias a condições de produção, e, a partir disso o sujeito formula seu discurso, com base na projeção de imagem que atribui a *A* ou *B*. Pêcheux ainda acrescenta que “[...] as diversas formações resultam, elas mesmas, de processos discursivos anteriores”, ou seja, aquilo que fala antes, em outro lugar, o interdiscurso é o que torna possível o discurso e as FI. Petri (2004, p.118), comenta que:

[...] a AD propõe a noção de Formações Imaginárias como aquela que viabiliza a efetivação das relações sociais e que tem seu funcionamento garantido no discurso, enquanto um lugar onde se constituem as relações em que a situação (histórico-social) e a posição (ideológica) do sujeito, produzindo determinados efeitos de sentidos silenciando outros.

Passamos a refletir acerca do funcionamento dessas FI em nosso *corpus*, que por ser um discurso jornalístico tem o mecanismo de antecipação ainda mais acentuado, visto que o objetivo desses discursos é atrair seu destinatário, o leitor.

[...] se a instituição jornalística não funciona sem leitores, e se ela busca atraí-lo como consumidores. Há que se considerar que todo jornal noticia para segmentos determinados da sociedade, produzindo para uma imagem de leitor suposta a tal segmento. Esta imagem, por sua vez, pode ser apreendida, na própria prática do discurso jornalístico: no 'como se diz' já se encontra embutido o 'quem vai ler' [...]. (MARIANI, 1996, p.58)

Entendemos que o mecanismo de antecipação o qual produz uma imagem do interlocutor funciona assim como descrito por Mariani no jornal, na revista, bem como nos demais meios de comunicação que veiculam notícias.

Lembrando que essas projeções de imagens que os sujeitos fazem são afetadas pelo funcionamento da ideologia, que produz o efeito de evidência dos sujeitos e dos sentidos, e surgem a partir das FI que o sujeito tem da sua posição.

As projeções de imagem estão relacionadas com o que pode e deve ser dito em determinada FD, o que torna possível a formulação do dizer (intradiscurso). As relações

entre o interdiscurso e intradiscurso e os efeitos do assujeitamento permitem que o sujeito tenha a ilusão da autonomia sobre o seu dizer: “Em toda língua há regras de produção que permitem ao sujeito passar da situação (empírica) para a posição (discursiva). O que significa no discurso são essas posições, elas significam em relação ao contexto sócio histórico e à memória (o saber discursivo, o já-dito)” (ORLANDI, p.46). Dessa forma, com base nas projeções das FI que produz, o sujeito formula seu discurso (o que não ocorre de forma totalmente consciente).

Com base na proposta de Pêcheux, e no quadro elaborado por Mariani (1996), elaboramos um quadro que visa a representar o jogo das Formações Imaginárias que perpassa no discurso jornalístico sobre a imigração ilegal nos EUA tal como ele se projeta na rede de formações imaginárias.

| Expressão que designa as formações imaginárias | Significado da Expressão | Pergunta Subjacente |
|--|--|--|
| I _A (J) | Imagem da Posição da revista, I, enquanto instituição A, para os sujeitos jornalistas, J, que atuam nela | Quem sou eu para lhe falar assim? |
| I _L (A) | Imagem do lugar do leitor L, para a revista A. | Quem é ele para que eu lhe fale assim? |
| I _J (R) | Imagem da revista enquanto instituição sobre os acontecimentos políticos, R, noticiados. | De que lhe falo assim? |
| I _J (M) | Imagem que o(s) jornalista(s) enquanto posição enunciativa da Revista, fazem dos imigrantes ilegais, M, para falar deles de maneira X. | De que lhe falo assim? |
| I _P (A) | Imagem da posição sujeito Presidente dos EUA, para a revista (A) | Quem é ele para que eu lhe fale assim? |
| I _{PD} (A) | Imagem da posição sujeito Presidente Donald Trump, (PD), para a revista (A) | Quem é ele para que eu lhe fale assim? |

Em nosso trabalho, buscamos compreender como o funcionamento desse jogo de formações imaginárias atravessado pelo efeito de evidência do sujeito e dos sentidos na prática do discurso jornalístico institui um lugar para o sujeito imigrante, pois, “como sabemos, o sujeito, na análise de discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na

medida mesma em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso.” (ORLANDI, 2011, p.99). Para tanto, analisamos três últimas formações imaginárias da tabela acima apresentada, ou seja, as FI da revista sobre as posição sujeito imigrantes ilegais, e as FI da revista sobre a posição sujeito presidente dos EUA.

Para tanto, retiramos algumas SD da reportagem da revista *Time* (Anexo B), as quais tratam da política de tolerância zero implementada pelo presidente dos EUA em abril de 2018, as SD reúnem discursos sobre o imigrante, nos quais pudemos observar o mecanismo de projeção de imagem.

A esse respeito, cabe lembrar que em uma análise discursiva a reprodução de formulações selecionadas supera o mero caráter de exemplos no sentido de elemento apresentado, sobretudo com a função de ilustrar uma afirmação, tal como é entendido esse termo nas análises estritamente linguísticas. Em Análise de discurso a seleção de sequências estritamente as discursivas, já é reveladora do encaminhamento de resultados da análise, pois essa seleção concretizada em recortes das materialidades de um corpus determinado. Já o resultado de um percurso de trabalho “em espiral” (cf Pêcheux) [...] (SERRANI, 1991, p.165-166)

Os discursos abaixo estão todos na reportagem da revista *Time* (Anexo B), os recortes que fizemos foram divididos em dois blocos. Nosso gesto interpretativo é conduzido pelas marcas linguístico-discursivas que operam como regularidades, o primeiro bloco (SD 1/2) que contém as SDs que se inscrevem em uma FD, estes discursos parecem questionar as tomadas de decisões da ideologia dominante. Por outro lado no segundo bloco (SD3/4), inserem-se em outra FD, e sustentam as reprodução da ideologia dominante, como veremos adiante. O discurso desse segundo bloco é uma fala do e do presidente dos EUA que a revista traz para a sua reportagem, e Kalnins, um imigrante legal que trabalha para o governo americano.

| | |
|--|--|
| Discurso da revista – resiste à ideologia dominante. | |
| SD1 | <i>Which leaves us facing a question: What kind of country are we? The world has been nervously asking that since November 2016. And while Trump ultimately capitulated on the forced separation of children, his new order suggested that families would be detained not only together, but perhaps indefinitely. For many Americans, the forced separation of immigrant families left them looking into the void from which the brutal policy emerged: the dark space left by the words Trump does say.</i> ²⁶ |
| SD2 | <i>Which is why the test posed with Trump's "zero tolerance" policy is as much about our future as it is about the tragedy of the families separated by its implementation. Trump may have backed down on the specific practice of family separation, but the larger question remains. In the balance between the integrity of the U.S. border with Mexico and a parent's love for a child, where will we come down?</i> ²⁷ |
| | Discurso de um imigrante (Kalnis) e do presidente dos EUA. (re)produzem a ideologia dominante. |
| SD3 | <i>"My opinion on immigration basically is, wait your turn," Kalnins says. "We waited five years. I don't have any time or use for people sneaking in. You can't blame them for wanting a better life. On the other hand, we can't take in the whole world here, because everyone wants a better life. It's up to them to make the place they're from a better place."²⁸</i> |
| SD4 | <i>"Without a Border, you don't have a Country," the President wrote on June 19. Everyone knows that. The question is, what kind of country?</i> ²⁹ |

²⁶ O que **nos** deixa diante de uma pergunta: que tipo de país somos **nós**? **O mundo** tem pedido nervosamente desde novembro de 2016. E enquanto **Trump** capitulava sobre a separação forçada de crianças, sua nova ordem sugeria que as famílias seriam detidas não apenas em conjunto, mas talvez indefinidamente. Para **muitos americanos**, a **separação forçada de famílias** imigrantes os deixou olhando para o vazio de onde surgiu a política brutal: o espaço escuro deixado pelas palavras de Trump. (Tradução nossa).

²⁷ É por isso que o teste apresentado com a política de "tolerância zero" de Trump é tanto sobre o **nosso futuro** quanto sobre a tragédia das **famílias separadas** por sua implementação. Trump pode ter recuado sobre a prática específica da separação familiar, mas a questão maior permanece. No equilíbrio entre a integridade da fronteira dos EUA com o México e o amor dos pais por uma criança, onde **nós** descenderemos? (Tradução nossa).

²⁸ "Minha opinião sobre imigração é basicamente, **espere sua vez**", diz Kalnins²⁸. "**Esperamos** cinco anos. Eu não tenho tempo nem uso para pessoas para entrar sorrateiramente. Você não pode culpá-las por querer uma vida melhor. Por outro lado, não podemos absorver o mundo todo **aqui**, porque todos querem uma vida melhor. Cabe a **eles** fazer o **lugar deles** um lugar melhor." (Tradução Nossa).

²⁹ "**Sem uma fronteira, você não tem um país**", escreveu o presidente em 19 de junho. Todo mundo sabe disso. A questão é, que tipo de país?. (Tradução Nossa).

Nas SDs 1 e 2, há uma polarização perceptível no uso dos pronomes, dos substantivos e do artigo definido, através da qual conseguimos compreender a imagem que a revista (re)produz da posição sujeito americano: SD1 *us/ we/ americans/ families/ them/ our* – e, da imagem que ela (re)produz do presidente americano – *Trump/its/*. O pronome *we* também representa a imagem que a revista tem do posicionamento dos cidadãos americanos com relação à política de tolerância zero, ou seja, por usar esse pronome, entendemos que a revista projeta uma imagem de que os cidadãos também são responsáveis pelas políticas adotadas com relação à imigração pelo governo.

Na SD3, tem-se a imagem do imigrante para um imigrante. Essa SD nos remete às explicações de Pêcheux a respeito da evidência dos sentidos, ocasionados pelo funcionamento da ideologia.

[...] um soldado francês não recua, significa, portanto, “*se você é um verdadeiro soldado francês, o que, de fato, você é, então, você não pode/deve recuar*”. Desse modo, é a ideologia que, através do “habito” e do “uso, está designando, ao mesmo tempo, *o que é e o que deve ser*, e isso, às vezes, por meio de “desvios” linguisticamente marcados entre a constatação e a norma e que funcionam como um dispositivo de “retomada de jogo”. É a ideologia que fornece evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem? com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 2014, p.146)

Kalnins ao falar sobre a imigração ilegal demarca a posição desse sujeito e o seu lugar, *wait your turn / them /the place they`re from*, ao mesmo tempo em que na posição sujeito imigrante legal, */we waited five years/ I/ here*, ele observa como conquistar a sua posição sujeito legal, essa posição evidencia uma posição assimétrica com relação as formas ilegais de imigração. Tomamos emprestada uma análise de Bauman, para demonstrar como essas escolhas lexicais instituem espaços para sujeitos:

A oposição entre “dentro” e “fora”, “aqui” e “lá”, “perto” e “longe” registrou o grau de domesticação e familiaridade de vários fragmentos (tanto humanos como não humanos) do mundo circundante. Próximo, acessível é, primariamente, o que é usual, familiar e conhecido até a obviedade, algo ou alguém que se vê, que se encontra, com que se lida ou interage diariamente, entrelaçado à rotina e atividades cotidianas. “Próximo” é um espaço dentro do qual a pessoa pode-se sentir *chez soi*, à vontade, um espaço no qual raramente, se é que alguma vez, a gente se sente perdido, sem saber o que dizer ou fazer. “Longe”, por outro lado, é um espaço que se penetra apenas ocasionalmente ou nunca, no qual as coisas que acontecem não podem ser previstas ou compreendidas e diante das quais não se saberia como reagir: um espaço que contém coisas sobre as quais pouco se sabe, das quais pouco se espera e de que não nos sentimos obrigados a cuidar. Encontrar-se num espaço “longínquo” é uma experiência enervante; aventurar-se para “longe” significa estar além do próprio alcance, deslocado, fora do próprio elemento, atraindo problemas e temendo o perigo. (BAUMAN, 1999, p.16)

Não é a questão da imigração legal ou ilegal que está em discussão, mas sim as posições sujeito e suas consequências políticas, sociais e econômicas. A oposição representada no discurso acima é atravessada por visões antagônicas que (re)produzem diferentes posições sujeito. O que Kalins representa em seu discurso não são os seus interesses sociais em termos de classe, de imigrante legal, mas, sim, os interesses da sua posição hierárquica, interesses políticos e ideológicos. A oposição dos pronomes representa as diferentes posições hierárquicas dos sujeitos do discurso, em que se observa um distanciamento advindo da posição do governo e da emergência dos imigrantes pertencente à base política contrária.

Resta acrescentar que todos esses mecanismos de funcionamento do discurso repousam no que chamamos formações imaginárias. Assim não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como são inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições do sujeito no discurso. (ORLANDI, 2008, p.40)

Por meio do discurso das SDs acima, compreendemos que a posição do sujeito imigrante, *“the place they’re from”*, é longe, longe de onde vive e longe do espaço que busca adentrar, assim a FI que visualizamos é do imigrante como deslocado, como ameaça. As materialidades discursivas destacadas emergem como uma relação de fronteira, na qual as posições sujeito imigrante legal e representante dos ideais do governo projetam o território americano como seu, e a posição sujeito imigrante ilegal como deslocada.

Sabemos que o sujeito fala a partir da imagem que tem de si e que faz do outro, assim sendo, entendemos que só é possível o sujeito imigrante legal falar *“My opinion on immigration basically is, wait your turn,”*, *“because everyone wants a better life”*, devido à imagem que ele faz do imigrante ilegal, e ainda a partir do efeito de evidência de que todos sabem que é preciso esperar para entrar em outro país, e do que é *melhor*. Nesta SD ressoam os já-ditos da ideologia dominante, conforme aponta Bauman (1999, p.77):

A pobreza não pode ser “curada”, pois não é um sintoma da doença do capitalismo. Bem ao contrário: é evidência da sua saúde e robustez, do seu ímpeto para uma acumulação e esforço sempre maiores... Mesmo os mais ricos do mundo se queixam sobretudo de todas as coisas de que se devem privar... Mesmo os mais privilegiados são compelidos a carregar dentro de si a urgência de lutar para adquirir...

Portanto, pelo viés do efeito de evidência, entendemos que nas SDs 3 e 4, temos o efeito da ideologia dominante, o discurso de Kalnis, bem como o de Trump, tratam

sobre a imigração a partir posição de poder que ocupam, enquanto representantes do estado, responsáveis por manter a reprodução das relações de produção, e nesse caso responsáveis por controlar a entrada de imigrantes no país.

[...] os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes [...] a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito) (Idem, p. 161-163).

Considerando a relação entre o intradiscurso e o interdiscurso, compreendemos que esse discurso, assim como o discurso da capa, estabelece um muro entre os imigrantes e o presidente, construído pela soberania do Estado, pelas leis dos EUA, que separam imigrantes *wait your turn / them /the place they’re from*, dos americanos.

Temos, assim, a imagem da posição do sujeito locutor, imagem que Kalnins faz do imigrante ilegal e dos imigrantes em sua posição, as quais mobilizam sentidos que remetem a discursos de distanciamento entre o nativo e o imigrante ilegal.

É bom lembrar: na análise do discurso, não menosprezamos a força que a imagem tem na constituição do dizer. O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas. A imagem que temos de um professor, por exemplo, não cai do céu. Ela se constituiu nesse confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições. (ORLANDI, 2008, p.42)

Dessa forma, um sujeito na posição representante do governo republicano tem seu discurso ajustado de acordo com a imagem que ele e as instituições que representa têm dos imigrantes ilegais. A imagem de imigrante que ressoa na SD3 (imigrante legal que trabalha para o governo) aponta para o imigrante ilegal como um sujeito que busca adentrar no território de maneira ilícita, (re)produz a construção do lugar ilegal. Temos no dizer de SD3 que “através” da espera é possível imigrar para os EUA. O sujeito imigrante cita o exemplo de sua vinda para o país associando-a a outras possíveis vindas de imigrantes. Interpretamos que os recortes discursivos (SD3) refletem a imagem defendida pelo governo acerca dos imigrantes. O discurso da SD3 demonstra não só a imagem que tem do sujeito imigrante, como institui uma posição para esse sujeito, a de agente de transformação de sua realidade.

Por esse viés, pensamos nas condições de produção desse discurso e temos um corpo simbólico-político atravessado pelos já-ditos que significam no intradiscurso: “Cabe a eles fazer o lugar deles um lugar melhor”. Dessa forma, a imagem do imigrante

nesse recorte é, a de que os imigrantes são responsáveis pela situação de seu país, imagem essa que institui uma posição que eles devem ocupar, que é o seu país de origem.

As SDs que analisaremos a seguir também foram retiradas da reportagem da revista (Anexo D), nas quais encontramos algumas regularidades linguístico-discursivas que nos permitiram reconhecer as diferentes Formações Discursivas e Imaginárias desse discurso. Ao falar das ações do presidente Donald Trump, há o entrelace de uma rede de sentidos que estão em oposição.

Selecionamos algumas marcas linguístico-discursivas que refletem a posição da revista com relação às ações do presidente Donald Trump: *He speaks often of patriotism/ Trump's brutal gambit / uncomfortable / blowing up / refusing /danger/ too much value on business*, em oposição há: *doesn't talk like that / The Enlightenment ideals / doesn't talk like that / only / democracy/iguallity/human rights/ values(5x)/of the higher values*.

*SD 5 Trump's brutal gambit at the border reflects a President **uncomfortable** with ideals.*

*SD 6 The Enlightenment ideals Thomas Jefferson etched onto the Declaration of Independence were given voice by Presidents from George Washington to Barack Obama. Donald **Trump doesn't talk like that**. In the 18 months since his Inauguration, Trump has mentioned "democracy" **doesn't talk like that** 100 times, "equality" only 12 times and "human rights" just 10 times.*

*SD7 Trump embraces a **different set of values**. **He speaks often of patriotism**, albeit in the narrow sense of military duty.*

*SD8 Trump began June by **blowing up** the G-7 gathering of the world's leading democracies by **refusing** to sign a joint statement endorsing "shared values of freedom, democracy, the rule of law and respect for human rights and **our** commitment to promote a rules-based international order."*

*SD9 **What values** does America's billionaire President embrace in place of the Founders'? A kind of gimlet-eyed competition. Trump purports to run the country **as a business**, the most meaningful metric being exports vs. imports.*

*SD10 It was Alexis de Tocqueville, the French observer of the early American character, who recognized the **danger** of placing **too much value on business**, law and order **at the expense** of the higher values.³⁰*

³⁰ *SD 5 A **jogada brutal** de Trump na fronteira reflete um Presidente **desconfortável** com os ideais.*

*SD 6 Os ideais do Iluminismo, Thomas Jefferson, gravados na Declaração da Independência, receberam voz de presidentes de George Washington a Barack Obama. Donald Trump **não fala assim**. Nos 18 meses desde sua posse, Trump mencionou "democracia" **menos de 100** vezes, "igualdade" apenas 12 vezes e "direitos humanos" apenas 10 vezes.*

*SD7 Trump abraça um conjunto **diferente** de valores. **Ele fala muitas vezes de patriotismo**, embora no sentido estrito do dever militar.*

No discurso da revista, há um conjunto de valores que se opõem, ao falar sobre a forma de governar do presidente Donald Trump, temos os seguintes enunciados *He speaks often of patriotism / military duty.*, – enunciados que classificam ação do presidente de implementar a política de tolerância zero à imigração ilegal como *brutal gambit*, e o posiciona como *uncomfortable* frente aos ideais do Iluminismo, sendo este o “*our commitment*”, o que produz um efeito de que as ações do governo divergem do que o sujeito cidadão americano espera de um presidente. Pois, o valor que parece marcar o fazer do sujeito presidente não parece ser o mesmo do “*our*”, aqui representando o sujeito americano.

Apesar de a palavra “value” ter sido mencionada mais de uma vez, compreendemos que o sentido dela muda de acordo com o sujeito sobre quem a reportagem fala. Assim, os já-ditos que atravessam esse discurso nos levam a entender que o valor relacionado às ações do presidente americano está vinculado aos valores republicanos, pois esses atribuem “*too much value on business*”. Ainda relacionado a Trump, a palavra valor parece instituir uma posição ideológica para esse presidente, “*Trump has mentioned “democracy” fewer than 100 times, ‘equality’ only 12 times and ‘human rights’ just 10 times.*” Os advérbios de intensidade *fewer* e *only* estão intensificando o uso verbo “*mentioned*”, ou seja, enfatizando que o presidente mencionou poucas vezes palavras que fazem parte do contexto sócio-histórico e ideológico do país.

As projeções de imagens nessas SD constituem diferentes posições, como é o caso da imagem do presidente enquanto posição discursiva produzida pelas formações imaginárias sobre as ações do presidente. As marcas linguístico-discursivas destacadas representam a imagem que se faz do sujeito em posição de presidente dos EUA e a

*SD8 Trump começou em junho **explodindo** o encontro do G-7 das principais democracias do mundo, **recusando-se** a assinar uma declaração conjunta endossando “valores compartilhados de liberdade, democracia, estado de direito e respeito aos direitos humanos e **nosso** compromisso de promover uma base normativa.*

*SD9 **Que valores** o presidente bilionário da América abraça no lugar dos fundadores? Uma espécie de competição de olhos tortos. Trump pretende operar o país como um **negócio**, sendo a métrica mais significativa as exportações versus as importações*

*SD10 Foi Alexis de Tocqueville, o observador francês do antigo personagem americano, que reconheceu o **perigo** de atribuir muito valor aos **negócios**, à lei e à ordem, **em detrimento dos valores mais elevados**. (Tradução Nossa).*

imagem que eles fazem dos leitores, mobilizando dizeres que remetem a sentidos cuja memória os filia a já-ditos que indicam a direção política e ideológica desse discurso.

Segundo Orlandi (2008, p.41), “Pensando as relações de força, as de sentidos e a antecipação, sob o modo do funcionamento das formações imaginárias, podemos ter muitas diferentes possibilidades regidas pela maneira como a formação social está na história”. Considerando as relações de força de sentido e de antecipação no jogo das FI, as materialidades destacadas nas SDs demonstram a imagem que a revista tem da posição do presidente dos EUA, a imagem que a revista tem do presidente Donald Trump, e a imagem que a revista tem do imigrante, pois elas mobilizam dizeres que remetem a sentidos cuja memória os filia a discursos ideológicos, indicando assim a direção política e ideológica do discurso.

Compreendemos que todo discurso inscreve-se em uma memória de sentidos, assim sendo, os sentidos que emergem e constituem as SDs acima sustentam a articulação das formas de poder e de controle social pela noção de fronteira, configurando suas significações que contribuem para a construção da FI da posição *deles*.

4.3 RESSONÂNCIA DISCURSIVA – ECOS SEMÂNTICOS

Neste subcapítulo, discutimos acerca dos efeitos de sentido produzidos pelo enunciado presente na capa, *Welcome to America*, e, pela reportagem, o slogan *America First*, e pelo slogan da campanha de Trump, *Make America great again*.

Pela análise desses enunciados, compreendemos as imagens de sujeito imigrante produzido pelos discursos presentes na revista por intermédio de noções teórico-metodológicas de ressonância. Compreendemos que a ressonância discursiva é responsável pelo deslize dos sentidos, ela não é definida pelo intradiscurso, pelas construções ou modos de dizer que constroem representações de sentidos predominantes, mas pelo interdiscurso, pelos discursos outros que ressoam no enunciado. Conforme Serrani (1991):

Neste modo de entender paráfrase enquanto ressonância, uma especificação metodológica que proponho é que podem ser distinguidas ressonâncias de significação em torno **de unidades específicas**, e ressonâncias de significação em **modos de dizer**. O primeiro tipo diz respeito ao funcionamento parafrástico de itens lexicais, frases nominais, etc. O segundo tipo, refere-se ao estudo dos efeitos de sentidos produzidos pela repetição, a nível interdiscursivo, de construções sintático-enunciativa na estruturação de um discurso de um discurso determinado (SERRANI, 1991, p. 101, grifos do autor)

Dessa forma, a ressonância discursiva só é possível pela sua intrínseca relação com o interdiscurso, visto que é por meio dele que ressoam os sentidos. O interdiscurso permite o funcionamento da ressonância discursiva, pois é o responsável por remeter a formulação (intradiscurso) ao já-dito, produzindo sentidos, ao mesmo tempo em que os dilui.

Tendo em vista que a ressonância discursiva funciona através da relação do intradiscurso com o interdiscurso, compreendemos que os efeitos de sentido que ressoam nesses enunciados: *Welcome to America*, *America First* e *Make America great again* estão relacionados ao sentido de proteção, pois esse funcionamento possibilita compreender como os slogans se historicizam a partir das CP em que são enunciados, no funcionamento do discurso são produzidos os efeitos de sentido.

Compreendemos que o discurso jornalístico ao formular o enunciado *Welcome to America*, e trazer em sua reportagem o slogan *America first* alinha-os posição ideológica defendida pelo presidente Donald Trump e refletida no seu slogan de campanha *Make America great again*.

Esses slogans utilizados em outras épocas, em outras CP, têm seus efeitos de sentido retomados pelo *Welcome to America*, da capa, que remonta à política patriota do EUA, e que está sendo reorganizada por Trump. Dessa forma, os discursos se atualizam no interdiscurso, conforme se situam sócio-historicamente em relação ao sujeito do dizer.

Nos três enunciados: *American First*, *Make America great again*, e *Welcome to America*, ressoam os já-ditos acerca da proteção das fronteiras do país. Assim como Bauman (2017, p.13-14), entendemos que os imigrantes são considerados ameaça, pois:

Refugiados da bestialidade das guerras, dos despotismos e da brutalidade de uma existência vazia e sem perspectivas têm batido à porta de outras pessoas desde o início dos tempos modernos. Para quem está por trás das portas, eles sempre foram- como são agora- estranhos. Estranhos tendem a causar ansiedade por serem “diferentes” [...]. Pelo que conhecemos, o influxo maciço de estranhos pode ser o responsável pela destruição das coisas que apreciávamos, e sua intenção é desfigurar ou abolir nosso modo de vida confortavelmente convencional.

O slogan *America first* surgiu para encorajar os americanos a lutar pela proteção das fronteiras na Segunda Guerra Mundial, contra os inimigos de guerra. *Make America great again* e *Welcome to America*, retomam o sentido de proteção das fronteiras, agora contra a uma nova “ameaça”, os imigrantes. Essas ressonâncias são possíveis, pois se filiam a uma mesma rede de sentidos,

Percebe-se que os ecos semânticos entre esses discursos ocorrem devido à noção de proteção que é retomada em função do já-dito que ressoa nos discursos. Observa-se que não ocorre uma repetição linguística, nem de sentido deste já-dito, e sim, ecos de sentidos entre os discursos mesmo eles estando situados em CP e ideológicas distintas.

A noção de fronteira que permitiu que o slogan *America first* circulasse durante a Segunda Guerra Mundial é semelhante a que permite que os slogans *Welcome to America* e *Make America great again* circulem. É preciso proteger as fronteiras, pois é por elas que entram o que ameaça. Sendo assim, compreendemos que nesses discursos ecoam sentidos relacionados à proteção da pátria, a possíveis “ameaças” que entrem no país.

O eco semântico do slogan da Primeira Guerra Mundial na campanha de Trump ocorre através da relação do interdiscurso com as CP, as ações do presidente com relação aos imigrantes ilegais têm o mesmo sentido da relação do slogan da guerra com relação aos inimigos.

O enunciado *America first* produz efeitos de sentido dessa proteção da pátria. Mobilizando o interdiscurso em função dos efeitos do uso do enunciado *make America great again* naquela CP, em *welcome to America* ressoa um sentido de proteger a pátria de ameaças. O que muda do primeiro enunciado para os dois últimos são o tipo de ameaça a qual eles visam a proteger, mas o sentido de proteção permanece.

Nas ressonâncias, funcionam sentidos produzidos pelo “pré-construído, “corresponde ao, sempre-já-aí” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma de universalidade (o mundo das coisas)” (PÊCHEUX, 2009, p. 151)”. O interdiscurso que dissimula o seu funcionamento através da estrutura discursiva é o mesmo que permite que os pré-construídos ressoem nesses enunciados, a evidência de que os EUA é “grande”, pois sempre se protegeu das “ameaças”.

Esses enunciados, através da ressonância discursiva, também são responsáveis por (re)produzir as FI sobre os sujeitos imigrantes que circulam no discurso jornalístico. Nesse sentido, as FI apontam para uma afirmação, para algo já-dito, que ressoa nos enunciados. Esses ecos determinam, pelo funcionamento da memória discursiva, o que é ameaça, e do que a *America* precisa se proteger no que diz respeito as suas fronteiras. Os enunciados determinam ainda a posição discursiva instituída sócio e ideologicamente ao sujeito imigrante.

5.0 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Esses nômades – não por escolha, mas por veredicto de um destino cruel – nos lembram, de modo irritante, exasperante e aterrador, a (incurável?) vulnerabilidade de nossa própria posição e a endêmica fragilidade de nosso bem-estar arduamente conquistado. É um hábito humano – muito humano – culpar e punir os mensageiros pelo conteúdo odioso da mensagem de que são portadores. (BAUMAN, 2017, p.21)

Por hora, tecemos algumas considerações, não finais, acerca da pesquisa. Esse estudo foi um gesto de leitura que nos propomos fazer e, através dele, compreender o funcionamento discursivo.

Iniciamos esta pesquisa recorrendo a observações acerca das Condições de Produção do nosso *corpus*, sobre os discursos, sobre as migrações atuais, as quais foram trabalhadas especificamente no segundo capítulo, nomeado “O deslocamento”, mas essas CP perpassam toda a pesquisa, pois, para entender os efeitos de sentido do discurso, faz-se necessário compreendê-lo em seu contexto estrito e amplo.

Esse caminho que percorremos nos mostrou, como uma aparente e “simples” nomenclatura pode mudar a vida do sujeito migrante. Migrante, imigrante (legal, ilegal), refugiado. Sujeitos, que dependendo da forma como se apresentam, tem mais ou menos direitos, mais ou menos esforços das comunidades internacionais para assegurar seus direitos. Sujeitos silenciados, imigrantes ilegais, representados por uma criança chorando.

No terceiro capítulo, nomeado “Movimentos de sentidos no espaço discursivo”, passamos a refletir a respeito do gênero discursivo mídia. A partir dos pressupostos teóricos, compreendemos que o emprego da língua efetua-se através de enunciados orais e escritos proferidos por sujeitos de diferentes campos da atividade humana. Isso resulta em diferentes tipos de enunciados que se estabilizam parcialmente e mudam em função das transformações desses campos, que ele denomina de gêneros do discurso. Esses gêneros são definidos como mais primários (mais simples), ou como secundários (mais formais), e é neste último grupo que o nosso *corpus* pode ser encaixado. Assim, entendemos que o discurso do nosso *corpus* é um discurso jornalístico que está inserido no gênero discursivo midiático, e apresenta um estilo, conteúdo temático e uma maneira de estruturar o enunciado, estabilizados como gênero midiático.

As análises do capítulo quatro, nomeado “Os efeitos do já-dito nas Formações Imaginárias e Discursivas”, foram feitas a partir de um movimento pendular, indo do quadro teórico da AD, para as Sequências Discursivas (SD) que selecionamos. Esse

movimento permitiu nosso gesto interpretativo sobre o funcionamento Formações Discursivas (FD), das Formações Imaginárias (FI), Interdiscurso e Intradiscurso, através do qual compreendemos as imagens (re)produzidas pelas posições que os sujeitos assumem no discurso.

A análise dessas SDs nos leva a refletir sobre o modo de produção da reportagem, pois, parece que ela não aborda o tema da imigração ilegal de maneira “imparcial”, como tem divulgado o discurso jornalístico, pois, por exemplo, não há menção da quantidade de imigrantes que o país recebeu e ainda recebe nos últimos anos, ou o apontamento de um possível fator que levou o Estado a implementar a medida de tolerância zero.

Pudemos perceber ainda como ocorre a manutenção dos efeitos de evidência dos sujeitos e dos sentidos através do funcionamento da ideologia dominante, e como a mídia e o discurso jornalístico, que faz parte dela, contribuem para a (re)produção desses efeitos.

Conforme o exposto sobre as teorias jornalísticas, as reportagens e as notícias são construídas, produzidas, pensadas e elaboradas para determinado fim. Como analistas do discurso, sabemos que mesmo que se utilizem esses mecanismos de antecipação para a formulação de um discurso, não há como controlar os efeitos de sentido, o que ocorre é que esse discurso acaba por produzir formações imaginárias.

O jogo das FI descritos por Pêcheux (2011) nos permitiu compreender como as diferentes posições sujeito constroem um lugar para o imigrante, o lugar de ilegal, o lugar *deles*, e as FI de um sujeito deslocado que ressoa como ameaça ao país.

Podemos dizer que o lugar do sujeito imigrante e imagens construídas são (re)produzidos nos discursos sobre a imigração. O lugar do sujeito imigrante como ilegal, a imagem de ameaça, são construções erguidas pelo efeito da ideologia, a qual produziu uma ilusão subjetiva de um lugar. Essa ilusão, constitutiva da produção discursiva, determina o lugar para os sujeitos e é através dela e do efeito do interdiscurso que se produzem as relações de força que constituem as formações imaginárias. Enquanto resultado do movimento de sujeito entre países, constituiu-se um lugar discursivo para eles.

Com base nos pressupostos teóricos da AD, o sujeito é afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia. Isso significa que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Ao ser interpelado pela ideologia em sujeito, ele pensa ser a fonte do seu dizer, e, ao enunciar, o faz de determinado lugar social, o qual é afetado pelas relações de poder, causando o efeito de evidência não só do sujeito, mas também do sentido.

Os estudos da AD nos mostraram que os sujeitos e os sentidos são construídos sócio-histórico e ideologicamente e também pelo trabalho da memória discursiva, e das formações imaginárias, que vão representar no discurso as imagens que os sujeitos fazem de si e do outro, resultando nas posições sujeito representadas nas formações imaginárias presentes no discurso. O discurso sobre o imigrante analisado em nosso *corpus* de pesquisa (re)produz diferentes posições sujeito, a FI do imigrante como deslocado, como ilegal, como ameaça, as quais, como vimos, são reafirmadas pelo contexto sócio-histórico, pela interpelação ideológica, pela memória discursiva e pelas FI.

Também pudemos identificar as FI construídas a respeito da posição sujeito presidente dos EUA. Sabemos que as FI são as imagens que os interlocutores de um discurso cunham a si e a outro, e que essas imagens são determinadas por lugares institucionais construídos no interior de uma formação social. Assim, a imagem do presidente dos EUA, já está determinada pelo lugar institucional a ele atribuído na formação social. Por meio da mobilização de dizeres que remetem a sentidos cuja memória os filia a discursos, percebemos as FI do discurso jornalístico com relação à posição sujeito presidente dos EUA de defensor dos ideais do iluminismo, da democracia e dos direitos individuais. As imagens do sujeito presidente Donald Trump que a revista põe em circulação são as de um presidente que atribui valor a outros ideais, como os negócios e o patriotismo militar. As FI que sustentam as formulações de Kalnins, – imigrante legal que trabalha para o governo de Trump para um imigrante, – apontam para o imigrante como infrator da lei. A revista também representa as FI de que o cidadão americano coaduna com a imagem da revista sobre o imigrante, a qual está em oposição às políticas anti-imigração adotadas pelo governo de Trump. Todas essas FI indicam as posições dos sujeitos no discurso, bem como a direção política e ideológica do discurso.

Como a AD vem demonstrando, não é só uma capa de revista, nem mesmo só uma reportagem, são discursos, são inúmeros efeitos de sentido, são discursos que projetam imagens do Imigrante, do Estado, do presidente dos EUA, e dos ideais dos cidadãos americanos, discursos que instituem lugares institucionais aos sujeitos, que (re)produzem imagens, e evidências de sentidos. É a ideologia funcionando, produzindo efeitos de evidência, e garantindo a (re)produção dos meios de produção.

O muro físico que separa a fronteira dos EUA com México ainda não foi construído, mas entendemos que cada discurso sobre o imigrante corresponde a um tijolo, que, ao ser colocado, pelas FI, com a argamassa, no discurso jornalístico, sobe e respinga

efeitos do imigrante como ameaça. Sendo assim, o muro no campo discursivo já vem sendo erguido desde de os anos noventa, dessa forma, esse muro, já está separando.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Tradução Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

AGUSTINI, Carmen. *(N)As dobraduras do dizer e (n)o não-um do sentido e do sujeito: um efeito da presença do interdiscurso no intradiscurso*. Anais do II Sead. 2005 -ISSN 2237-8146. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/2SEAD/SIMPOSIOS/CarmenAgustini.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. *Estanhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011..

BONINI, Adair. O conhecimento de jornalistas sobre gêneros textuais: um estudo introdutório. Revista Linguagem em (Dis)curso, volume 2, número 1, jul./dez. 2001. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/193/221>

CORACINI, Maria José R. F. A celebração do outro na constituição da identidade. Organon Revista do Instituto de Letras da UFRGS. v. 17, n. 35 (2003). Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30024/0>>

DIAS, Cristiane. *Análise do Discurso Digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas: Pontes, 2018.

FERNANDES, Carolina. *Visível e invisível da imagem: uma análise discursiva da leitura e da escrita de livros de imagens*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

FLORES, Giovanna G. Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda. (Orgs.). *Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia*. Campinas, SP: Pontes, 2015.

GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans (Org.). *Análise do Discurso e sua história: Avanços e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes, 2016

GRIGOLETTO, Evandra; SCHONS. O Texto como possibilidade de ruptura: análise do funcionamento do gênero midiático. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 3 - n. 2 - p. 213-226 - jul./dez. 2007

GUIMARÃES, Eduardo (org.). *Produção e Circulação do Conhecimento Volume I: Estado, Mídia e Sociedade*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

MARIANI, Bethania. *O comunismo imaginário: Práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. Tese (Doutorado Curso de Linguística do Instituto Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 1996.

MARIANI, Bethania. *Subjetividade e imaginário linguístico. Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, v. 3, número especial, 2003, p. 55-72. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/linguagem-emdiscurso/0303/030304.pdf>>.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Discurso, imaginário social e conhecimento*. Em Aberto, Brasília, DF, ano 14, n. 61, 1994, p. 53-59. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1943/1912>>.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

_____. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a.

NECKEL, N. R. M. *Análise de Discurso e o discurso artístico*. In: SEAD – SEMINÁRIO DE ANÁLISE DO DISCURSO, 2, 2005, Porto Alegre. Anais eletrônicos. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/NadiaReginaMaffiNeckel.pdf>> Acesso em: 30 Jan. 2019.

PAYER, Maria Onice; CELADA, María Teresa (Org.). *Subjetivação e Processos de Identificação. Sujeitos e línguas em práticas discursivas – inflexões no ensino*. Campinas, SP: Pontes, 2016.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2009.

_____. *Análise Automática do Discurso (AAD-69)*. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2010.

SANCHOTENE, Carlos Renan Samuel. *A mediação como processo de reconhecimento, legitimidade e prática social*. Revista Emancipação, Ponta Grossa, 9(2): 249-258, 2009. Disponível em <http://www.uepg.br/emancipacao>.

SERRANI, Silvana Mabel. *Paráfrase como ressonância interdiscursiva na construção do imaginário de língua: o caso do espanhol Riopratense*. Tese (Doutorado em Linguística) apresentada ao Departamento de linguística, Universidade Estadual de

Campinas, São Paulo, SP, 1991. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/269422/1/Serrani %2c%20Silvana%20Mabel.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/269422/1/Serrani%20Silvana%20Mabel.pdf)>. Acesso em: 12 set. 2018.

SILVEIRA, Verli Fátima Petry da. *Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmistificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins*. Tese (Doutorado em Letras) - Área de Teorias do Texto e do Discurso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/ppgletras/defesas/2004/VerliFatimaPetridaSilveira.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

SURDI DA LUZ, Mary Neiva. *Linguística e ensino: O discurso de entremeio na formação de professores*. Novas Edições Acadêmicas, 2014.

SOUZA, Tania C. Clemente. *Discurso e Imagem: Perspectiva de análise não verbal*. Revista CIBERLEGENDA, Niterói, RJ: v.1, p.15-32, 1998. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/240/128>>. Acesso em: 05 out. 2018.

SOUZA, Tania C. Clemente. *Perspectivas da análise do (in)visível: a arquitetura discursiva do não verbal*. Revista Rua, Campinas, SP. V.24, n.01, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8652400>>. Acesso em: 05 out. 2018.

TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo: por que as notícias são como são*, 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005. v. 1

VIZEU, Alfredo. *A produção de sentidos no jornalismo: da teoria da enunciação à enunciação jornalística*. Revista Famecos, v. 10, n. 22, 2003. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3241/0>> . Acesso em: 04 Abr. 2019.

VESENTINI, José William . *Novas Geopolíticas*. 5ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

RIZENTAL, Sabrina Sant'anna. *Refugiados: Tensões um Imaginário de acolhimento*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Área de Concentração: Teorias do texto, do Discurso e da Interação, Universidade Federal Fluminense, 2017.

WEBER, Andrea F. *Política de línguas e mídia no Mercosul: um estudo enunciativo de jornais de fronteira*. Tese (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras) - Área de Concentração: Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

ANEXO A



<http://time.com/magazine/us/5318226/july-2nd-2018-vol-192-no-1-u-s/>

ANEXO B

A Reckoning After Trump's Border Separation Policy: What Kind of Country Are We?

Trump's brutal gambit at the border reflects a President uncomfortable with ideals

Presidents have many jobs, and one is telling us who we are.

For the first 240 years of U.S. history, at least, our most revered chief executives reliably articulated a set of high-minded, humanist values that bound together a diverse nation by naming what we aspired to: democracy, humanity, equality. The Enlightenment ideals Thomas Jefferson etched onto the Declaration of Independence were given voice by Presidents from George Washington to Barack Obama.

Donald Trump doesn't talk like that. In the 18 months since his Inauguration, Trump has mentioned "democracy" fewer than 100 times, "equality" only 12 times and "human rights" just 10 times. The tallies, drawn from factba.se, a searchable online agglomeration of 5 million of Trump's words, contrast with his predecessors': at the same point in his first term, Ronald Reagan had mentioned equality three times as often in recorded remarks, which included 48 references to human rights, according to the American Presidency Project at the University of California, Santa Barbara.

Trump embraces a different set of values. He speaks often of patriotism, albeit in the narrow sense of military duty, or as the kind of loyalty test he's made to NFL players. He also esteems religious liberty and economic vitality. But American's 45th President is "not doing what rhetoricians call that 'transcendent move,'" says Mary E. Stuckey, a communications professor at Penn State University and author of *Defining Americans: The Presidency and National Identity*. Instead, with each passing month he is testing anew just how far from our founding humanism his "America first" policies can take us. And over the past two months on our southern border, we have seen the result.

On April 6, Attorney General Jeff Sessions announced a new "zero tolerance" policy toward those crossing illegally into the U.S. from Mexico. In mere weeks, over 2,000 children were taken from their parents and held, alone, sometimes behind chain-link fences, under the cold care of the federal government. In Texas, three "tender age" centers were set up for detained toddlers and infants. Incessant wails of "Mamá" and "Papá" were heard on audio from a Customs and Border Protection detention center. An advocate told of a child being led away from her mother crying so hard she vomited. In a case mocked by former Trump campaign manager Corey Lewandowski, the child taken from a parent was a 10-year-old with Down syndrome.

The reality on the southern U.S. border was so difficult to reconcile with Americans' vision of themselves that Trump did not even make the effort. The President's first mention of the order to separate children from their parents was a May 26 Twitter post calling it "horrible" even though he had personally authorized it. Three weeks later, his motives were fully in the open: by driving attention to the border, his signature campaign issue, Trump aimed to force a vote on his long-promised border wall before midterm elections can undo the GOP majority in Congress.

The attention part certainly worked. A week after his return from the June 12 summit with North Korea's dictator, family separation dominated the national conversation like no other political story since former FBI chief James Comey was shown the door. A steadily building wave of revulsion washed over the political spectrum, from MSNBC to the editorial page of the Wall Street Journal to Franklin Graham and into the White House living quarters, when a spokeswoman for the First Lady said she called for "a country that governs with heart."

Which leaves us facing a question: What kind of country are we? The world has been nervously asking that since November 2016. And while Trump ultimately capitulated on the forced separation of children, his new order suggested that families would be detained not only together, but perhaps indefinitely. For many Americans, the forced separation of immigrant families left them looking into the void from which the brutal policy emerged: the dark space left by the words Trump does say.

In the first days of the Trump Administration, the State Department moved to drop two words—just and democratic—from the list of qualities the U.S. sought to promote beyond its borders. The change did not go through, but the effort signaled a retreat from idealism that is re-ordering the world. In the name of "America first," a slogan that first surfaced to keep America out of World War II, Trump is angrily sawing away at the global structures the U.S. spent decades building after prevailing in that conflict, which left America not only as the globe's only intact major economic power, but also holding the moral high ground. Imperfect in myriad ways (lynching was still common in 1945; women had been allowed to vote for just a quarter-century), the U.S. looked plenty good beside the Third Reich and Imperial Japan, and vowed to do better. In a postwar world divided between the West and communism, America assumed the role of beacon. Presidents spoke relentlessly of democracy, humanitarianism and universal rights.

“Go to the United States, that’s the place,” was what IvarsKalnins’ parents heard in the displaced-persons camp where the family lived for five years after World War II, having fled their native Latvia ahead of the Soviets. Kalnins’ father, as a city official, was a target for the Communists. The young family ended up in the southwestern Wisconsin hamlet of Burton, sponsored by the families of St. Paul Lutheran, where my father later preached. Kalnins’ dad started out as a hired hand, doing the chores for local farmers that Mexicans now do, for half the wages a local would demand. His son, IvarsKalnins, grew up to be a lawyer and ardent Trump supporter.

“My opinion on immigration basically is, wait your turn,” Kalnins says. “We waited five years. I don’t have any time or use for people sneaking in. You can’t blame them for wanting a better life. On the other hand, we can’t take in the whole world here, because everyone wants a better life. It’s up to them to make the place they’re from a better place.”

Kalnins’ journey from refugee to Trump loyalist is as complex and nuanced as the immigration issue, then and now. His grandmother, who had suffered a nervous breakdown from incessant shelling, ended up in Britain, having been told the U.S. was not accepting refugees who were disabled physically or mentally. (“So there’s your family separation,” he says. “I’ve been through it. It happens.”) But it was a Republican, Reagan, who extended amnesty to undocumented immigrants, and a Democrat, Obama, who deported more immigrants than any previous President and detained families, a policy abhorred by liberal critics.

But Obama also spoke of America’s lofty values with an eloquence that intentionally sought to echo Reagan. “Nobody did this like Ronald Reagan did,” says Stuckey. “Reagan could talk about national identity in ways that even liberals would nod their head and say, yes, I see myself there.” By contrast, Stuckey says, Trump doesn’t reach for America’s loftier values in an attempt to unify. “Trump isn’t interested in those things,” she adds, “he speaks almost exclusively to his base.”

That suits the base just fine. “All these grandiose speeches,” says Kalnins, who counts himself among those who relish that Trump does not sound like a politician. “Even Bush, who wanted to be the aw-shucks guy, it was all in there, a nice half-hour speech saying absolutely nothing. That’s what we’ve gotten away from. It scares the hell out of some people, but I personally feel that there must have been something there that helped him win, because we were on the road of the fall of the Roman Empire.”

What's lost in Trump's approach is any expectation of higher purpose. He makes no apology for lavishing praise on authoritarian leaders that past U.S. Presidents dealt with at arm's length—Egypt's Abdul Fattah al-Sisi (“somebody that's been very close to me from the first time I met him”), the Philippines' Rodrigo Duterte (“great relationship”) and Russia's “strong leader” Vladimir Putin. When China's Xi Jinping announced he would be President for life, placing 1.4 billion people deeper under government control, Trump offered congratulations.

American deference to authoritarian rulers now extends even into the nation's capital. When Turkey's Recep Tayyip Erdogan directed his security detail to beat protesters in full view of the press on a Washington, D.C., street on May 16, 2017, there were no consequences. Federal charges against his bodyguards were dropped in March, a day before Erdogan was scheduled to meet with Trump's Secretary of State.

The story we tell the world is also the story we tell ourselves. Trump began June by blowing up the G-7 gathering of the world's leading democracies by refusing to sign a joint statement endorsing “shared values of freedom, democracy, the rule of law and respect for human rights and our commitment to promote a rules-based international order.” He slapped tariffs on Canada, Mexico and the European Union, advised France to drop out of the E.U., and urged Germans to support right-wing anti-immigrant parties intent on deposing Chancellor Angela Merkel. The leaders of France and Canada replied by citing “values,” but Trump had moved on to Singapore, where he praised North Korea's dictator Kim Jong Un, whose regime actively operates a network of gulags, as “a funny guy ... very smart ... his country does love him. You see the fervor.”

What values does America's billionaire President embrace in place of the Founders'? A kind of gimlet-eyed competition. Trump purports to run the country as a business, the most meaningful metric being exports vs. imports: if you have more than your counterpart, you're a winner, and the other guy a loser. But even in the bloodless world of accounting, “goodwill” has a place on the ledger (the left side; it's an asset) and the U.S. may be writing down a loss. Its economy is strong. The people pitching up at its borders surely count as proof of that.

It was Alexis de Tocqueville, the French observer of the early American character, who recognized the danger of placing too much value on business, law and order at the expense of the higher values. Warning of the country's obsession with material gain and the enforcement of order necessary to pursue it, he wrote, “A nation

that asks nothing of its government but the maintenance of order is already a slave at heart.”

Which is why the test posed with Trump’s “zero tolerance” policy is as much about our future as it is about the tragedy of the families separated by its implementation. Trump may have backed down on the specific practice of family separation, but the larger question remains. In the balance between the integrity of the U.S. border with Mexico and a parent’s love for a child, where will we come down?

“Without a Border, you don’t have a Country,” the President wrote on June 19. Everyone knows that. The question is, what kind of country?

This appears in the July 02, 2018 issue of TIME.

<http://time.com/magazine/us/5318226/july-2nd-2018-vol-192-no-1-u-s/>

ANEXO C



Office of the Attorney General
Washington, D. C. 20530

APRIL 6, 2018

MEMORANDUM FOR FEDERAL PROSECUTORS ALONG THE SOUTHWEST BORDER

FROM: THE ATTORNEY GENERAL  4/6/18

SUBJECT: Zero-Tolerance for Offenses Under 8 U.S.C. § 1325(a)

On April 11, 2017, I issued a memorandum to all federal prosecutors entitled “Renewed Commitment to Criminal Immigration Enforcement,” in which I directed the prioritization of the prosecution of certain criminal immigration offenses. I further directed each United States Attorney’s Office along the Southwest Border to work with the Department of Homeland Security to develop guidelines for prosecuting offenses under 8 U.S.C. § 1325(a).

Those seeking to further an illegal goal constantly alter their tactics to take advantage of weak points. That means we must effectively respond with smart changes also. The recent increase in aliens illegally crossing our Southwest Border requires an updated approach. Past prosecution initiatives in certain districts—such as Operation Streamline—led to a decrease in illegal activities in those districts. We must continue to execute effective policies to meet new challenges.

Accordingly, I direct each United States Attorney’s Office along the Southwest Border—to the extent practicable, and in consultation with DHS—to adopt immediately a zero-tolerance policy for all offenses referred for prosecution under section 1325(a). This zero-tolerance policy shall supersede any existing policies. If adopting such a policy requires additional resources, each office shall identify and request such additional resources.

You are on the front lines of this battle. I respect you and your team. Your dedication and insight into border reality is invaluable. Keep us informed, and don’t hesitate to give us suggestions for improvement. Remember, our goal is not simply more cases. It is to end the illegality in our immigration system.

This guidance is not intended to, does not, and may not be relied upon to create, any right or benefit, substantive or procedural, enforceable at law or in equity by any party against the United States, its departments, agencies, or entities, its officers, employees, or agents, or any other person.

ANEXO D

<https://twitter.com/jbmoorephoto/status/1006962031281360896>